Voz das Misericórdias

Diretor Paulo Moreira /// ano XXX /// Janeiro 2015 /// publicação mensal

ANIVERSÁRIO

22

HISTÓRIA

30 ANOS A DAR VISIBILIDADE ÀS MISERICÓRDIAS

O Voz das Misericórdias (VM) está a completar 30 anos de coberturas jornalísticas exclusivas sobre as Misericórdias. Celebramos a data com um novo projeto gráfico e conversas com os diretores que já passaram por esta redação. Pedimos a Manuel Ferreira da Silva, fundador, e Mariano Cabaço que contassem a história do jornal. Sobre a atualidade e o futuro do VM, Paulo Moreira, que atualmente dirige a equipa, explica quais são os critérios editoriais privilegiados e cujo objetivo é sempre o mesmo: reforçar o movimento das Misericórdias. As Santas Casas "traduzem a cultura das comunidades e isso tem de ter reflexo no jornal".

Para onde vamos?

16

Em entrevista ao Voz das Misericórdias (VM), o presidente da União das Misericórdias Portuguesas (UMP) lança pistas sobre o que poderá vir a ser o futuro das Misericórdias nas suas mais diversas áreas de atuação. Ação social, saúde, educação e património deverão continuar a ser áreas privilegiadas, mas Manuel de Lemos acredita que o futuro dependerá inevitavelmente da capacidade das instituições em inovar. Para aquele responsável, a inovação passará pelo estabelecimento de parcerias variadas que viabilizem a prestação de um cada vez melhor serviço às comunidades, mas também a sustentabilidade das instituições. Na grande entrevista anual que concede ao Voz, o presidente da União destacou que "temos de ter capacidade para encontrar formas de inovação que garantam a nossa sustentabilidade e, para isso, a forma mais representativa de inovação, na minha opinião, é a cooperação entre as instituições". O presidente da UMP acredita que "nunca na opinião pública portuguesa e europeia foi tão relevante a importância da economia social no desenvolvimento e no crescimento do país", mas o modelo, especialmente na área social, está a esgotar-se. Para fazer face aos desafios é necessária "uma grande disponibilidade para mudança e reconheço que é o mais difícil". Novo enquadramento jurídico, devolução dos hospitais, envelhecimento, apoio domiciliário, o aumento das demências e tambémo novo quadro comunitário Portugal 2020, foram outros temas que marcaram o tom desta conversa com Manuel de Lemos.

04 UMP

Como devemos olhar para o envelhecimento?

UMP está a promover sessões de esclarecimento sobre o compromisso de cooperação entre Estado e setor solidário.

06 3 PERGUNTAS

Diálogo inclusivo no distrito de Braga

Provedor da Santa Casa da Póvoa de Lanhoso assumiu Secretariado Regional de Braga e fala sobre os desafios da região.

08 ALBUFEIRA

Promover a reflexão sobre trabalho em rede

Cerca de 350 pessoas marcaram presença no II Encontro de Responsabilidade Social da Misericórdia de Albufeira

21 VOZ ATIVA

Estado social de parceria é o futuro

O provedor da Misericórdia do Porto, António Tavares, escreve sobre os dez desafios imediatos das Santas Casas

Porto

Rotários homenageiam provedor

O provedor da Misericórdia do Porto, António Tavares, foi eleito "Profissional do ano 2014" pelo Rotary Club do Porto (RCP), num jantar de homenagem, no dia 19 de janeiro, com a presença do presidente da União das Misericórdias Portuguesas, Manuel de Lemos, do secretário de Estado da Segurança Social, Agostinho Branquinho, e da presidente do RCP, Tânia Oliveira. Diversos autarcas e outras personalidades públicas também estiveram presentes neste evento que reuniu cerca de uma centena de pessoas.

Horta

Agradecer pela escola profissional

O antigo provedor da Misericórdia da Horta, Eduardo Caetano de Sousa, foi homenageado pelos formadores, formandos e funcionários da Escola Profissional da Horta (fundada pela Santa Casa), no dia 26 de dezembro. A homenagem teve lugar durante a festa de Natal e incluiu uma dedicatória onde a comunidade escolar expressou a sua gratidão ao "fundador do ensino profissional na ilha do Faial". Inspirados no poema "Pedra Filosofal", de António Gedeão, os funcionários escreveram-lhe ainda alguns versos.

Encontro cinegético da UMP reuniu mais de 100 pessoas

Quase 150 pessoas marcaram presença na quinta edição dos encontros cinegéticos promovidos pela União das Misericórdias Portuguesas

TEXTO **BETHANIA PAGIN**

Borba Foram 125 as pessoas que estiveram presentes na quinta edição dos encontros cinegéticos promovidos pela União das Misericórdias Portuguesas (UMP) em Borba, no Alentejo. A iniciativa, que tem sempre lugar em janeiro, decorreu no dia 17 na Herdade da Fuseira e do Álamo, onde também funciona o terceiro equipamento de apoio a deficientes da UMP, o Centro Luís da Silva.

O dia começa cedo para quem aprecia a atividade da caça. Pelas nove horas, e debaixo de um severo nevoeiro, provedores de diversas Misericórdias começam a reunir-se para a largada de perdizes. O primeiro grupo avança para as suas respetivas portas. Os que ficam à espera comentam que não tiveram sorte. O nevoeiro prejudica mesmo muito a visibilidade daqueles caçadores. Mas enquanto aguardam a sua vez, aproveita-se o tempo a conversar. Embora quase todos se conheçam de assembleias-gerais, congressos e outros tantas iniciativas da UMP, o cenário do campo e o motivo do encontro proporcionam um convívio mais informal.

Para o presidente da UMP, esta é mesmo uma das principais vantagens dos encontros cinegéticos da UMP: proporcionar convívio que estreitam laços e amenizam possíveis conflitos. O mundo das Misericórdias, segundo Manuel de Lemos, também é feito desta confraternização calorosa entre pessoas.

Entra em cena o segundo grupo. O VM, que pouco ou nada entende de cinegética, acompanha o grupo de Pernes, que trouxe seis pessoas, entre elas, o provedor. Ao longo de todo o percurso (cada participante teve direito ao acesso a quatro portas diferentes), fomos conversando sobre a caça. Entre inúmeras explicações sobre o que ali estava a acontecer, Manuel Maia Frazão conta que já dedicou mais tempo a iniciativas como aquela, mas considera também que os encontros cinegéticos da UMP são especialmente importantes para reforçar o movimento das Misericórdias.

Os grupos vêm de norte a sul do país. Estavam lá as Misericórdias de Alfeizerão, Castelo de Vide, Estremoz, Felgueiras, Golegã, Vila Verde, Boticas, Póvoa de Lanhoso, Barreiro, Aldeia Galega da Merceana, Fundão, Vila Viçosa, Serpa, Portimão, Pernes, Redondo, Vila Nova da Barquinha, Riba d'Ave, Vila Franca de Xira e Mortágua. Vimieiro, Alcácer do Sal, Grândola e Palmela também marcaram presença, mas assumiram ainda a organização do evento juntamente com a Turicórdia, linha de serviço da UMP dedicada ao turismo.

Logo pela manhã e debaixo de um severo nevoeiro, provedores de diversas Misericórdias começam a reunir-se para a largada de perdizes

Por serem organizadores, pouco descansaram ao longo do evento. Após a largada, já quando todos estavam reunidos a degustar petiscos variados (cada Misericórdia presente trouxe consigo uma iguaria, ou conjunto delas, para enriquecer a mesa do almoço em conjunto), os provedores que assumiram a organização asseguravam a distribuição das peças. Entre patos, perdizes e pombos, os adeptos da cinegética olhavam orgulhosos para o resultado final daquela manhã de largada. Além de uma foto de grupo, muitos foram os caçadores que se fizeram fotografar com as peças para registar individualmente o momento.

Além de representantes das Misericórdias, o evento contou também com a participação do secretário de Estado da Solidariedade e Segurança Social, Agostinho Branquinho, também ele apreciador de encontros cinegéticos.

Ao longo do evento, enquanto acompanhava o grupo de Pernes, o Voz das Misericórdias disparou muito, mas disparou fotografias. Podemos não ter dado tiros, mas ajudamos a recolher cartuchos nas portas onde parámos. Um bom caçador, explicou-nos o provedor da Santa Casa de Pernes, deve sempre assegurar que não deixa rasto por onde passa. Afinal, entre outros tantos aspetos de interesse para os apreciadores da cinegética, o contacto com a natureza está entre os principais. Porventura apenas ultrapassado pelos petiscos entre amigos. VM

Escola dá lugar a centro de convívio

Parceria Centro de convívio resultou de uma parceria entre Santa Casa e Câmara Municipal

Redondo A Misericórdia do Redondo inaugurou o Centro de Convívio de Santa Susana, no edifício da antiga escola primária da vila alentejana, deixando para trás as instalações provisórias que ocupou durante quase três décadas.

A inauguração, que teve lugar no dia 20 de dezembro, resultou de um projeto de cooperação entre a Santa Casa e a Câmara Municipal de Redondo, tendo representado um investimento de cerca de 140 mil euros, na sequência de uma candidatura ao programa PRODER.

As comemorações tiveram início no largo do centro de convívio, onde se reuniram as entidades oficiais e convidados, seguindo-se o descerrar da placa exterior do edifício pelo presidente da autarquia, António Recto, e a bênção pelo pároco local, António Sanches.

No decorrer da sessão solene, o provedor da Santa Casa, João Azaruja, reforçou a importância da Misericórdia na "construção de um mundo mais justo" e sublinhou que esta antiga escola continuará a ser um "espaço de aprendizagem, embora numa outra perspetiva".

Na sua intervenção, o presidente da Câmara Municipal lamentou, por um lado, o encerramento de uma escola do concelho, mas, por outro lado, disse encarar a obra como uma "reutilização feliz do espaço, visando responder a novas necessidades sociais".

Na cerimónia de inauguração estiveram também presentes a diretora do Centro Distrital da Segurança Social de Évora, Sónia Ramos, e o presidente do Secretariado Regional de Évora da União das Misericórdias Portuguesas, Manuel António Galante, também provedor da Misericórdia de Reguengos de Monsaraz, que elogiou a colaboração da Santa Casa de Redondo com a autarquia e valorizou o reaproveitamento desta antiga escola primária, numa altura em que se "vêm tantos edifícios deste tipo abandonados, por esse país fora".

Um grande número de habitantes locais marcou igualmente presença neste dia de festa, que terminou com uma moda beirã entoada pelas Cantadeiras de Redondo e com uma visita guiada às instalações.

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Golegã

Concerto de Reis na capela da Santa Casa

A Misericórdia da Golegã celebrou o Dia de Reis com um concerto na capela da Santa Casa no dia 10 de janeiro, encerrando desta forma a quadra natalícia. Os espetadores puderam assistir às atuações do coro da Academia Sénior da Santa Casa, do grupo cultural "Emoções de Malpique" assim como do saxofonista Ricardo Fagulha e da cantora Clarissa Nunes. A capela de Nossa Senhora dos Anjos remonta ao século XVI.

Peso da Régua

Respostas com certificação de qualidade

A Misericórdia de Peso da Régua recebeu um certificado de conformidade pela Norma EN ISO 90001:2008 em todas as suas respostas sociais. Segundo a nota informativa, esta certificação foi atribuída às respostas de lar de idosos, apoio domiciliário, cantina social, lar de infância e juventude, jardim-de-infância e apoio na área da saúde, através da unidade de cuidados continuados integrados.

Covilhã

Janeiras e concerto de Reis na igreja

Na entrada do novo ano, a Misericórdia da Covilhã organizou um concerto de Janeiras, na Igreja de São Francisco, protagonizado pelas crianças e idosos da instituição. Segundo nota informativa, nesse mesmo dia, 3 de janeiro, a igreja acolheu um "encantador presépio ao vivo", interpretado pelas crianças de cinco anos da Santa Casa. Para encerrar as comemorações do programa "É Natal 2014", a igreja da Misericórdia reabriu, no dia 4 de janeiro, para acolher um concerto de Reis, dinamizado pelo Orfeão da Covilhã e pela Academia Sénior da Covilhã.

NÚMEROS DAS MISERICÓRDIAS

600

A Misericórdia de Póvoa de Lanhoso celebrou a quadra natalícia com um concerto na Igreja Nossa Senhora do Amparo, que colocou em palco mais de 100 pessoas, entre crianças e adultos. Cerca de 600 pessoas marcaram presença e no final foram presenteadas com um bolo e chocolate quente.

20

A Misericórdia de Aljubarrota está a construir um lar de idosos para 20 pessoas. Empreitada tem um orçamento previsto de 700 mil euros.

30

O Lar Dr. Virgílio Lopes, equipamento de acolhimento a idosos da UMP e localizado em Lisboa, completa, em 2015, 30 anos de existência.

EDITORIAL

PAULO MOREIRA
Diretor do Jornal
paulo.moreira@ump.pt

Saldo positivo e novos desafios

Esta edição assinala os 30 anos do VM. São 30 anos ao serviço das Santas Casas, procurando dar-lhes visibilidade, assinalando o que de melhor cada uma faz para, desta forma, estreitar os laços entre elas e contribuir para o reforço da identidade e cultura das Misericórdias. E se podemos dizer que o caminho percorrido até aqui tem um saldo positivo, temos também que admitir que o futuro próximo coloca ao nosso jornal e às Misericórdias um conjunto de desafios que, apesar de difíceis, não deixam de ser aliciantes.

Vivemos num mundo em acelerada mudança, com inúmeros problemas de ordem social e económica que a globalização torna mais evidentes e agudos.

As Misericórdias têm provado ao longo dos séculos que são portadoras de um ADN de resiliência que lhes tem permitido superar as crises sociais e políticas que se

O futuro próximo coloca ao nosso jornal e às Misericórdias um conjunto de desafios que, apesar de difíceis, não deixam de ser aliciantes

foram desenrolando ao longo da sua história, conseguindo sempre adaptar-se aos modelos vigentes, sem perderem a identidade e reafirmando o seu papel fundamental na defesa dos mais frágeis e das comunidades que representam.

Mas hoje têm novos e importantes desafios a vencer. Precisam de repensar o seu modelo de gestão, o seu financiamento e sustentabilidade. Necessitam urgentemente de criar parcerias, de trabalhar em rede, de serem inovadoras. Têm de ser capazes de fortalecer os laços com as comunidades de que emanam, para assim poderem desenvolver o voluntariado e a filantropia, e têm de conseguir, em conjunto com a UMP, construir uma estratégia clara e lógica para todos de que ressalte o seu papel insubstituível no cumprimento do Estado social.

O VM procurará, do modo mais empenhado que souber, contribuir para vencer estes desafios, propondo-se um espaço de reflexão e de inovação.

Crato

Concurso de logótipo dos 495 anos

A Misericórdia do Crato lançou um concurso para a criação de um logótipo e de duas peças gráficas, no âmbito das comemorações dos seus 495 anos. Este concurso dirige-se aos alunos da Escola Superior de Tecnologia e Gestão do Instituto Politécnico de Portalegre e assume um "cariz solidário, pela instituição ser uma benfeitora". O projeto vencedor, avaliado por um júri constituído, entre outros, pelo provedor e vogal da Misericórdia, Mário Cruz e João Gonçalves, será premiado com trezentos euros.

Cartaxo

Mais um ano a cantar as Janeiras

O grupo de janeireiros da Misericórdia de Cartaxo voltou a cantar as Janeiras em duas respostas sociais da instituição: o Lar de São João e a Casa de Santa Cruz. Segundo nota informativa, todos os anos, os utentes, colaboradores e voluntários têm como "missão animar todas as pessoas da Misericórdia", visitando os quartos, salas de convívio e restantes espaços (ginásio de fisioterapia, cozinha, lavandaria, etc.). No final, todos brindam e renovam os votos para que no ano seguinte se volte a cumprir a tradição.

Que lares temos e que lares queremos ter?

UMP já está a promover sessões de esclarecimento sobre o novo compromisso de cooperação entre Estado e setor solidário para 2015 e 2016

TEXTO **BETHANIA PAGIN**

UMP Que lares temos e que lares queremos ter. Este foi o desafio lançado pelo Secretariado Nacional da União das Misericórdias Portuguesas (UMP) aos provedores e técnicos presentes na sessão de esclarecimento sobre o compromisso de cooperação para o setor social e solidário para o biénio 2015 e 2016. Promovida pelo Gabinete de Ação Social da UMP, a sessão teve lugar a 20 de janeiro no Centro João Paulo II em Fátima e reuniu mais de 170 pessoas. Outras sessões semelhantes estão já agendadas para o restante país.

Assinado no dia 16 de dezembro do ano passado, este compromisso para a cooperação contempla, pela primeira vez, as linhas estratégicas para o relacionamento do setor social com os ministérios da saúde e da educação, para além da segurança social. Este novo documento, referiu o presidente do Secretariado Nacional, toca ainda em alguns pontos que poderão vir a alterar a maneira como olhamos, por exemplo, para a questão do envelhecimento. "Este é o grande debate que temos de promover para saber como queremos e devemos olhar para a questão do envelhecimento e o que podemos fazer nessa área".

Ainda segundo Manuel de Lemos, a nova terminologia adotada pela Segurança Social para os lares de idosos dá nota dessa alteração. "Os lares já não se chamam lares", são agora "estruturas residenciais e serão cada vez mais necessárias, mas não nos moldes que hoje conhecemos".

Por isso, explicou o responsável da UMP pela ação social, há neste novo compromisso para 2015 e 2016 várias novidades relacionadas com os lares. Uma delas possibilita a majoração em quase 100 euros por utente com, pelo menos, grau 2 de dependência. De acordo com Carlos Andrade, trata-se de uma solução intermédia, mas representativa de que a Segurança Social reconhece que a questão da dependência precisa ser alvo de um tratamento diferente.

Outra novidade relacionada com os lares de idosos está, conforme explicou Carlos Andrade, na Circular 4/2015, que rege o relacionamento das instituições de solidariedade social com utentes e seus familiares. A partir deste ano, as comparticipações passam a ser calculadas de forma distinta, ou seja, quando avaliado o rendimento de um determinado agregado familiar, a conta não deverá contemplar os subsídios e/ou pensões recebidos pelo idoso.

Ainda no que respeita aos lares, Carlos Andrade destacou que o quadro de pessoal obrigatório não contempla a presença de médico, embora muitas Misericórdias tenham optado por contratar os serviços desses profissionais. Este facto, continuou, faz com que a afluência aos centros de saúde seja reduzida, embora todo o sistema esteja montado para funcionar com o Serviço Nacional de Saúde (SNS). "O correto e adequado seria que os médicos do centro de saúde fossem às Santas Casas", uma afirmação que gerou muitos comentários na assistência. Para Manuel de Lemos, aquela reação é o reflexo

Sete É o número total de sessões de esclarecimento organizadas pelo Gabinete de Ação Social da UMP. A primeira foi em Fátima a 20 de janeiro

de como está a funcionar o SNS e embora haja muito boas intenções por parte do Ministério da Saúde (MS), o presidente da UMP considera que a escassez de serviços de saúde no país pode abrir espaço para as Misericórdias apostarem cada vez mais nas unidades de saúde familiar. Uma nova conceção de Estado social, disse, tem de "passar pela devolução às comunidades de algumas competências que têm sido exclusividade do Estado".

Continuando a falar sobre a área da saúde, Manuel de Lemos explicou aos presentes que há um compromisso por parte do MS em abrir as unidades de cuidados continuados que estejam completamente prontas ou apenas por equipar. Cuidados continuados pediátricos também estão no horizonte. Segundo o presidente da UMP, está em debate a possibilidade de serem criadas três unidades especializadas no acolhimento de crianças que precisem de cuidados continuados. A rede, explicou, está orientada para um público adulto e sénior e as unidades não têm, por isso, "um ambiente adequado para crianças". Porto, Lisboa e Coimbra serão as localidades privilegiadas para este projeto já que "estes equipamentos só fazem sentido se estiverem próximos de hospitais pediátricos".

No que diz respeito aos hospitais, o presidente do Secretariado Nacional considera que o processo de devolução está a correr com tranquilidade e "com boa reação por parte das comunidades". A gestão do hospital pela Misericórdia "é a única possibilidade de algumas populações terem acesso a cuidados de saúde".

O acolhimento de idosos com alta hospitalar em lares, aspeto destacado pelo ministro da Saúde durante a assinatura daquele compromisso no Palácio de São Bento em dezembro, ainda aguarda resoluções por parte do governo. Conforme explicou Manuel de Lemos, as Misericórdias estão disponíveis para isso, mas falta decidir qual dos ministérios (saúde ou segurança social) assumirá os custos desse acolhimento.

Saúde mental é outra rubrica deste protocolo de cooperação. "O Ministério da Saúde desafiou-nos a colaborar nesta área e vamos tentar encontrar respostas", disse o presidente.

O novo compromisso traz ainda outras novidades como, por exemplo, a intenção do governo em colocar a funcionar com dinheiro público todos os equipamentos construídos com recurso a financiamento europeu, nomeadamente através do Pares e do POPH. Outra prioridade prevista neste novo protocolo entre Estado e setor social visa transformar os acordos atípicos em típicos. Conforme explicou Carlos Andrade, muitas vezes os acordos atípicos estão sujeitos a diferentes interpretações e a medida visa não deixar as instituições dependentes dessa diferença, mas também garantir que haja mais justiça nas comparticipações da Segurança Social.

A Rede Local de Intervenção Social (RLIS) também mereceu especial destaque no compromisso de cooperação. Segundo Carlos Andrade, a RLIS pode ser considerada uma iniciativa "de vanguarda que rompe com a tradição da ação social no nosso país" e e fala em pelo menos três grandes vantagens: proximidade porque as instituições conhecem a realidade local, rentabilização dos recursos existentes num cenário de escassez e, por último, financiamento europeu já que a nova rede será assegurada através de fundos comunitários, não onerando assim o orçamento de Estado.

Na área da educação, Carlos Andrade explicou que pela primeira vez o governo aceitou que tem havido uma relação direta entre o aumento da rede pública pelas autarquias e a diminuição dos equipamentos do setor social para esta área. Por isso, foi criado um grupo de trabalho que contará também com a participação da Associação Nacional dos Municípios Portugueses. Outra medida do compromisso tem, a ver com os atrasos das comparticipações por parte do Ministério da Educação. "Chegamos a ter atrasos de três anos nos pagamentos", mas o governo comprometeu-se a regularizar essa situação.

Sobre a formação, o protocolo oficializa o que já vinha, há algum tempo, a ser uma tendência. A União das Misericórdias, mas também a CNIS e as Mutualidades, deverão ser auscultadas sobre novos programas de formação.

Relação com o governo está a mudar

Esta sessão de esclarecimento foi a primeira a ter lugar no país e contou também com a participação do diretor do Centro Distrital da Segurança Social de Santarém, Tiago Leite. Dois técnicos deste serviço da Segurança Social assistiram aos trabalhos. Para Manuel de Lemos, esta é mais uma constatação de que a relação entre setor solidário e o governo está a mudar. "Há um documento consensualizado com o Instituto da Segurança Social com o qual estamos todos a trabalhar", disse.

UMP disponibiliza documentos de apoio

As sessões de esclarecimento prosseguem em Braga (22/01), Murça (23/01), Viseu (30/01), Albufeira (02/02), Borba (05/02) e Lisboa (06/02). Hora e local em que decorrerão as sessões estão nas circulares 61/2014 e 02/2015 da UMP, que foram oportunamente enviadas às Misericórdias. Todos os documentos de apoio relativos às novas normas de funcionamento das diferentes respostas sociais serão brevemente disponibilizados pelo Gabinete de Ação Social no site da UMP.

Papel ativo na promoção da natalidade

Cheque Bebé Águeda ofereceu 750 euros para os colaboradores que tiveram filhos em 2014

Águeda Ciente das dificuldades das famílias perante os encargos com os filhos, a Misericórdia de Águeda decidiu implementar, em 2014, um conjunto de medidas de apoio à natalidade, destinadas aos colaboradores da instituição.

O atual provedor da Santa Casa, António Mota Rodrigues, justificou esta decisão defendendo que a Misericórdia, dentro das suas possibilidades, deveria ter um olhar atento e um papel ativo na problemática da natalidade. "Todos nós temos um papel nesta área e devemos ter uma especial atenção no apoio às famílias".

Na sequência desta iniciativa, os funcionários da Santa Casa passam a ter prioridade na admissão na creche, recebem um prémio monetário no valor de 750 euros por cada bebé nascido, não pagam as três primeiras mensalidades da creche e beneficiam de um desconto de 20% nas mensalidades seguintes. Quando a mãe não pode amamentar por razões de saúde, recebe 50% das horas relativas ao período de amamentação, que no caso de um ordenado base de 700 euros representa um aumento de 80 euros mensais.

Estas medidas, segundo o provedor da Misericórdia, pretendem traduzir-se numa "ajuda e num incentivo, dentro das capacidades da instituição, para os problemas que as famílias atravessam". Incentivados por estes apoios, oito colaboradores da Santa Casa, dos quais sete são mulheres, decidiram ser pais em 2014. Os sorrisos destas mães e pais durante a entrega simbólica do "Cheque Bebé", na festa de Natal da instituição, testemunham a felicidade proporcionada com o nascimento de um filho.

"Dentro daquilo que nos é possível, este é o nosso contributo para minorar os encargos com a natalidade. Queremos transmitir a mensagem de que as nossas colaboradoras não sofrem qualquer represália por serem mães", disse o secretário-geral da Santa Casa e coordenador do projeto. Talvez por essa razão, defende João Lousado, uma das pessoas que beneficiou destas medidas decidiu avançar com a segunda gravidez, depois de ter sido despedida do antigo posto de trabalho por estar grávida do primeiro filho.

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

3 PERGUNTAS

Humberto Carneiro
Provedor da Mis. de Póvoa de Lanhoso

Assumiu recentemente o Secretariado Regional da UMP em Braga. Quais são as prioridades para 2015?
Em estreita colaboração com o Secretariado Nacional (SN) da UMP, queremos ser um elo de ligação entre as Misericórdias do distrito de Braga. Participação ativa nas reuniões do Conselho Nacional da UMP, sempre precedida da auscultação das Misericórdias que representamos. Através do diálogo permanente, pretendemos ser inclusivos, queremos ajudar a reforçar o movimento das Misericórdias.

Quais as áreas que merecerão mais atenção?
Vamos privilegiar o trabalho em equipa, tentando abordar as principais áreas de intervenção das Misericórdias. Já distribuímos pelouros entre nós. Eu vou assumir a área da saúde. A provedora de Esposende, Emília Vilarinho, assume a área da educação e da formação e a provedora de Guimarães, Noémia Carneiro, a área social.

E quais serão os projetos a desenvolver?
Atentos aos desafios e numa perspetiva de entreajuda, há três prioridades. A adequação dos compromissos à nova legislação. Na área da saúde, e em colaboração com o GMS, apoiar as Misericórdias com hospitais que têm acordos de CTH, mas que têm de os adequar nos moldes do modelo para os hospitais que integram o processo de devolução, ao abrigo do decreto-lei 138/2013. Vamos também colaborar e incentivar as Misericórdias, em sintonia com o SN, a recorrer ao quadro comunitário 2020.

FOTO DO MÊS

Por ***Ana Manso e Nuno Rodrigues***

ALDEIA GALEGA DA MERCEANA FOTOGRAFIA VENCE CONCURSO NACIONAL

A Misericórdia de Aldeia Galega da Merceana foi uma das vencedoras da iniciativa 'Paixão de Cuidar'. Promovido pela empresa Tena, o projeto visa valorizar o trabalho dos prestadores de cuidados a idosos. A Misericórdia venceu na categoria "Melhor Ilustração" com a fotografia acima, cujo título é "Cuidar é rir". A entrega dos prémios teve lugar no Altis Belém Hotel & Spa, em Lisboa, e a cerimónia foi apresentada pela jornalista Fernanda Freitas. A iniciativa da Tena pretende valorizar o acompanhamento físico e mentalmente exigente destas pessoas que lidam, acompanham e cuidam da população sénior institucionalizada em lares e residências de todo o país.

O CASO

Carta de familiar para expressar apreço

Valongo Todos, sem exceção, apreciamos uma palavra elogiosa, um agradecimento. Nas Misericórdias não é diferente e em Valongo a expressão de apreço emocionou dirigentes e colaboradores pela altura do Natal. Trata-se do testemunho do filho de uma das utentes do lar de idosos daquela Santa Casa da Misericórdia. Para Albino Poças, provedor, a carta de Francisco Veiga "demonstra bem o resultado do esforço desta Santa Casa e constitui, para nós, motivo de satisfação e orgulho".

Publicamos na íntegra:
"Aos utentes da Santa Casa, aos seus diligentes funcionários, à excelentíssima direção, personalizada na figura e cargo do provedor, a todos sem exceção. Quero agradecer e manifestar a enorme alegria que senti ao assistir a tão bela festa de Natal. Fui, no seu decurso, invadido por sensações estranhas, que não sei reconstituir integralmente, porquanto a emoção era constante. Contudo, tenho a convicção que alguns dos idosos, por razões que agora importa pouco aprofundar, já chamaram a sua morte.

Tive e senti necessidade de deixar-me emocionar e chorar em público para que eu próprio não tivesse dúvidas sobre a autenticidade da minha felicidade.

O palco e os seus atores chegaram com alma e calor à plateia e conseguiram "ressuscitar" risos e muitos aplausos. Que pena não ter comigo outros familiares para ficarem com a lembrança inteira de tudo quanto vivi. O espetáculo foi arrebatador, como de resto também o foi um diamante, de seu nome, o professor Nuno.

Já paguei por espetáculos onde a vontade maior foi sair de imediato e acabar depressa com o programa.

A minha mãe, pessoa introvertida e se senilidade avançada, desabrochou ao meu lado. Ao longo da minha vida já cometi muitos erros, próprio da condição humana, mas nem tudo foi errado no meu percurso. Tenho a sorte e o privilégio de saber que aminha progenitora é acarinhada, protegida na dor e nas angústias, como acontece com os demais residentes. Isto só é possível porque os profissionais são generosos e exemplares. Um santo Natal para Todos" .

'Tive e senti necessidade de deixar-me emocionar para que eu próprio não tivesse dúvidas sobre a autenticidade da minha felicidade'

TEXTO **BETHANIA PAGIN**

Quando aposta
em Portugal,
ganhamos todos.
JOGOS
SANTACASA
uma boa aposta

Braga

Conferência sobre arquiteto bracarense

A Misericórdia de Braga, em parceria com a autarquia e entidades locais, promoveu uma sessão de história local, no dia 23 de janeiro, dedicada ao arquiteto Carlos Amarante (1748-1815). A conferência inseriu-se nas comemorações do segundo centenário da morte do arquiteto bracarense, responsável pela criação da igreja do Hospital de S. Marcos (da Santa Casa), pelo escadório das Virtudes no Bom Jesus do Monte, etc. As comemorações incluíram visitas-guiadas às obras de Carlos Amarante, em Braga.

Faro

Ciclo anual de concertos atrai público

O ciclo "Clássica na Santa Casa", promovido no salão da Misericórdia de Faro, tem conquistado o público com concertos e degustação de vinhos regionais, uma vez por mês. O terceiro concerto do ciclo, no dia 23 de janeiro, contou com a atuação de um quinteto de cordas da Orquestra Clássica do Sul e teve no programa peças de Mozart, Tchaikovsky, Britten e Boccherini. O momento musical foi complementado com a degustação de vinhos da Quinta dos Vales, de Estômbar (Lagoa).

Parceria e trabalho em rede são tema de debate

Cerca de 350 pessoas marcaram presença no II Encontro de Responsabilidade Social promovido pela Misericórdia de Albufeira

TEXTO **BETHANIA PAGIN**

Albufeira Cerca de 350 pessoas marcaram presença no II Encontro de Responsabilidade Social promovido pela Misericórdia de Albufeira. Entre outras ideias que ao longo dia 23 de janeiro marcaram o debate estava a necessidade de potenciar o trabalho em rede. O encontro reuniu representantes de diversas Santas Casas e outras entidades de economia social e solidária, mas também parceiros do setor público e privado.

Conforme explicou a provedora da Misericórdia de Albufeira é através do trabalho em rede e em parceria que "seremos capazes de mostrar aquilo que fazemos". Para Patrícia Seromenho, "a atividade assistencialista que vimos desenvolvendo há séculos não é suficiente, temos de fazer mais". Lembrando que as Santas Casas são instituições "de pessoas, com pessoas e para pessoas", a responsável frisou ainda que "o Estado somos todos nós e temos todos cada vez menos dinheiro". Por isso, continuou, a questão da sustentabilidade não deve ser encarada apenas pela lógica financeira e aquele evento visava "promover um espaço de reflexão" sobre toda esta temática.

Patrícia Seromenho falava durante a sessão de abertura que contou também com o presidente da União das Misericórdias Portuguesas (UMP), Manuel de Lemos, e do presidente da Câmara Municipal de Albufeira, Carlos Silva e Sousa, para quem "não podemos ser felizes sabendo da infelicidade alheia" e para fazer face aos novos desafios "nenhuma ajuda é demais". Por sua vez, o presidente da UMP destacou ideia semelhante à da provedora. "Todos temos a consciência de que temos de fazer algo diferente. O que fizemos até hoje foi bom, mas temos de fazer mais e melhor". Esta foi uma das ideias que Manuel de Lemos desenvolveu, horas depois, durante a sessão reflexão que finalizou os trabalhos.

"Todos falaram aqui sobre o trabalho em rede e parceria e o quadro comunitário Portugal 2020 vai privilegiar de forma absoluta as instituições capazes de levar essa ideia adiante". Dando como exemplo o projeto Marca Misericórdia, que também foi apresentado durante aquele encontro, o presidente da UMP destacou que entre outras características, esta iniciativa da União promove o trabalho em rede ao mesmo tempo que respeita a identidade e autonomia de cada Santa Casa.

Ainda sobre os fundos comunitários, o presidente das Misericórdias lembrou que haverá um programa operacional exclusivo para a economia social e deixou um apelo: "olhem para as vossas instituições, definam o que é necessário e preparem-se".

Durante aquela reflexão, Manuel de Lemos destacou ainda que embora "todos conheçam o impacto da nossa ação" e que "ninguém nos consegue substituir na ação social", importa trabalhar com "rigor, competência e excelência", atributos que para o presidente da UMP não são um exclusivo dos setores público ou privado.

Os painéis deste segundo encontro contaram com a participação de diversos representantes de instituições do setor público, privado e social. Fundação EDP, Instituto de Empreendedorismo Social (IES), Abraço, Fundação O

Parcerias Misericórdia de Albufeira reuniu parceiros do setor social, público e privado num encontro sobre responsabilidade social

Século, Companhia Dançando com a Diferença, Fundação Montepio, Pine Cliffs, Comfort Keepers e Crinabel, entre outros, foram algumas das entidades a marcar presença.

Além das parcerias, a questão da sustentabilidade foi igualmente marcante, especialmente durante o primeiro painel, moderado pelo provedor da Misericórdia do Porto, António Tavares, para quem a "sustentabilidade materializa-se em resultados que servem para aumentar ainda mais a atividade das instituições". Por sua vez, Nuno Frazão, do IES, destacou que a sustentabilidade tem a ver com a maneira como são utilizados os recursos, mas também com a resiliência e duração da resposta.

Já o segundo painel foi pano de fundo para a apresentação de projetos e testemunhos. Além da Marca Misericórdia, que, segundo Paulo Moreira, responsável da UMP pela iniciativa, congrega alguns aspetos ali mencionados: gera empregos para grupos desfavorecidos e privilegia o trabalho em rede. Além disso, "trata-se de um selo de qualidade para quem compra porque garante a boa aplicação dos resultados". De seguida, os presentes tiveram a oportunidade de ouvir o testemunho de Telmo Ferreira, monitor de dança e intérprete da companhia Dançando com a Diferença. No grupo há 14 anos, o jovem começou a dançar quando ainda era uma criança em risco, tendo sido através da dança inclusiva que encontrou um rumo profissional e pessoal.

Os trabalhos terminaram com o espetáculo solidário "A cantora careca", encenado pelo grupo de teatro da Crinabel.

Novo lar gera 24 postos de trabalho

Inauguração Novo equipamento tem capacidade para 40 idosos e criou 24 postos de trabalho

Vila Verde A Misericórdia de Vila Verde inaugurou recentemente um novo equipamento de apoio à terceira idade. O novo lar de idosos da freguesia de Valbom/São Pedro já está a funcionar em pleno e há até lista de espera. Ao todo foram criados 24 postos de trabalho, um aspeto destacado pelo provedor. Para Bento Morais, a importância do número prende-se com o facto de aquela ser uma região "desertificada" e, portanto, carente de oportunidades laborais.

A inauguração teve lugar a 9 de janeiro e contou com a presença de algumas personalidades como secretário de Estado da Solidariedade e Segurança Social, Agostinho Branquinho, o presidente da União das Misericórdias Portuguesas, Manuel de Lemos, os presidentes da Câmara Municipal de Vila Verde, António Vilela, e de Terras de Bouro, Joaquim Cracel, além do arcebispo de Braga, D. Jorge Ortiga, que procedeu à bênção do edifício.

Descerrada a placa oficial da inauguração e em seguimento de uma breve visita aos utentes e instalações, o provedor da Misericórdia de Vila Verde, Bento Morais, explica que a infraestrutura permite o acolhimento de 40 pessoas. Num repasso de contas, revela-nos ainda que os custos de construção situaram-se perto dos dois milhões de euros, tendo sido comparticipado num montante próximo de 750 mil euros.

Dando ênfase à força da "economia social", Bento Morais disse ainda que o complexo se encontrava em funcionamento de forma parcial há já alguns meses, ocupando agora a totalidade dos três pisos existentes. O equipamento já está lotado e há inclusive uma lista de espera, apesar da extensa malha da Santa Casa da Misericórdia de Vila Verde, que, aliás, não ficará por aqui: "Este não é ainda o último passo no apoio social da Misericórdia. Ainda temos a responsabilidade de construir outro, na parte sul do concelho, em Barrancos".

O terreno onde está localizada a nova estrutura residencial para pessoas idosas foi doado à Santa Casa pela Câmara Municipal de Vila Verde.

TEXTO **ALEXANDRE ROCHA**

Opinião

CARLOS ORLANDO
Provedor da Mis. de Óbidos

Nova forma de intervenção social

Leais à sua vocação histórica de solidariedade para com os mais desfavorecidos, algumas Misericórdias têm vindo a assumir-se como agentes ativos na promoção de produtos confecionados no seu seio, tornando-se parceiros estruturais das forças vivas da localidade e da região, contribuindo para o desenvolvimento de pequenas economias locais, traçando estratégias em que o fator humano adquire a total preponderância, com especial incidência na dinamização do emprego, combatendo sobretudo os excluídos socialmente do mercado e dando um contributo anticíclico que tem vindo a permitir suavizar o impacto da crise económica.

Tudo tem vindo acontecer, sob o impulso da União das Misericórdias, refletindo-se a sua ação numa maior visibilidade das Misericórdias e reconhecendo que estas são formas organizadas e livres de economia social.

Assim, surge o projeto "Marca Misericórdia", que é uma consequência duma maior inovação e aceitação de linhas orientadoras de intervenção em rede para dar resposta aos novos desafios mobilizando as suas atenções para o problema da sustentabilidade na área da responsabilidade social.

Até aqui, as Misericórdias preocuparam-se em proporcionar a aquisição de competências necessárias para o exercício de atividades, revitalizando alguma dinâmica na área de artes e ofícios tradicionais, produtos agrícolas, charcutaria, pastelaria e outras. Numa altura em que estamos perante um mercado moderno, onde tudo tende a ser igual e mecanizado, a aposta na "Marca Misericórdia" vem contrariar esta tendência pela forma "individual" que assume e simultaneamente proporcionar uma maior divulgação e comercialização dos nossos produtos, privilegiando o funcionamento em rede, a sinergia de recursos e representando uma nova forma de intervenção social.

MoliCare® Soft Air Active

soft

Uma suave revolução nos cuidados de Incontinência

NOVO! Máxima suavidade

Capa em tecido não tecido para maior suavidade e conforto

NOVO! Aplicação mais fácil

Novo fecho em velcro que assegura uma aplicação mais simples

A nova MoliCare Soft Air Active é uma verdadeira suave revolução. Ela mantém o alto nível de segurança que já conhece e, além disso, é mais confortável. Agora disponível em 4 níveis de absorção.

HARTMANN

ajuda a curar.

PAUL HARTMANN LDA, Av. Severiano Falcão, 22-2º, 2685-376 Prior Velho • Tel.: 219 409 920 • Fax: 219 409 939 • e-mail: info@pt.hartmann.info • www.hartmann.info

EM AÇÃO

Lisboa

D. Manuel Clemente vai ser cardeal

Patriarca de Lisboa desde julho de 2013, D. Manuel Clemente vai receber o barrete e o anel cardinalícios das mãos do Papa Francisco, tornando-se assim o quarto cardeal português do século XXI. O futuro cardeal patriarca de Lisboa integra uma lista de novos cardeais provenientes de 14 países. Este vai ser o segundo consistório do atual pontificado. O primeiro foi no ano passado e foram nomeados 19 cardeais. A cerimónia vai decorrer no Vaticano no próximo dia 14 de fevereiro.

São Pedro do Sul

Número 1 do boletim informativo

A Misericórdia de São Pedro do Sul lançou um boletim informativo, no início de 2015, para mostrar a sua história, testemunho e atuação técnica. Segundo nota informativa, este novo desafio de comunicação decorre de uma "mudança de paradigma institucional, refletido na maior participação de todos", partilha de responsabilidades e implementação de novas dinâmicas. "Caminho no Tempo" terá uma periodicidade trimestral e será distribuído gratuitamente. O segundo número é publicado em abril.

Abrir as portas de casa para 'roubar' sorrisos

Durante o ano a Misericórdia da Mealhada presta apoio domiciliário a 30 pessoas. No Natal o apoio manteve-se e ainda houve surpresas

TEXTO **VERA CAMPOS**

Mealhada Condenados. A sentença está proferida e sem direito a recurso. Os animadores da Santa Casa da Misericórdia da Mealhada estão condenados pelo crime de provocarem boa disposição, roubarem sorrisos e de tornarem mais felizes os dias dos trinta utentes que recebem o serviço de apoio ao domicílio (SAD). Para atestar a veracidade dos factos, uma equipa do Voz das Misericórdias (VM) acompanhou Sérgio e Patrícia. Ele, animador na instituição. Ela, auxiliar. Juntos têm a tarefa de entregar a prendinha que o Pai Natal deixou no sapatinho. Cachecol para uns e mantinha para outros. Em Dezembro, é assim. Mas durante o ano há outras tantas datas que merecem uma lembrança, como o Dia do Idoso ou mesmo a Páscoa.

Já estou sentada no banco de trás da carrinha transformada em trenó. Vemos a lista e definimos a rota. Há rotinas que têm de ser cumpridas, para não batermos 'com o nariz na porta'. Dos 30 utentes que recebem o SAD, há condições de vida completamente díspares. Uns mantêm a autonomia. Saem para tomar o seu café ou ler um jornal. Outros, mais dependentes, estão circunscritos à habitação ou mesmo à própria cama. Mas todos recebem da equipa de animadores o mesmo sorriso e boa disposição.

De gorro na cabeça tocamos na primeira campainha. Basta dizer "Santa Casa da Misericórdia" que de imediato se ouve a porta a abrir. Três lanços de escadas subidos a pé (atleta que é atleta não usa elevador), e estamos na porta da D. Lídia Gomes e sua irmã. De algum modo surpreendidas, pois ainda era cedo para que chegasse o almoço, ficam "derretidas" com a surpresa. "Mas que bonita ação. Muito obrigada. E muitos parabéns pela iniciativa". Contam-nos que, por norma, "a porta está trancada a sete chaves", mas quando ouvimos no intercomunicador "Santa Casa", abrimos logo.

Despedimo-nos e Sérgio promete voltar em 2015, para algumas atividades com Lídia Gomes. O animador ainda tenta um "venho buscá-la para ir até à instituição", mas a reação antecipa que não vai ser tarefa fácil.

Descemos para continuar a rota. Entre paragens conversámos. Sérgio Lindo confessa sentir muitas dificuldades para conseguir que os utentes deixem as suas casas e realizem algumas atividades noutros espaços, como nas instalações da Misericórdia, onde se encontram os utentes de centro de dia e de lar. Uma recusa por vezes pela limitação física, mas, noutros casos, apenas porque dizem que "não queremos dar trabalho". Mas quando o objetivo é conseguido, nota-se no regresso a casa uma satisfação enorme. "Vão felizes para casa e a confessarem que valeu a pena sair".

De gorro na cabeça tocamos na primeira campainha. Basta dizer 'Misericórdia' que de imediato se ouve a porta a abrir

Voltamos a parar e temos à nossa frente uma 'jovem' de 97 anos. Detentora da mais deliciosa receita de suspiros, promete escrever o que sabe, sem esconder nada. Nesta manhã, recebe-nos o genro. Partilhamos, junto à cama, algumas preferências gastronómicas. A Patrícia dispensa a batata-doce. Eu prefiro o amendoim à amêndoa. Ambos concluímos: somos gulosas quanto baste. Rouba-se mais um sorriso e coloca-se o cachecol que aquece o corpo e a alma por mais um momento de confraternização que se estende do utente para os restantes familiares da casa.

Em 2015, a intenção do animador da Santa Casa da Mealhada passa por visitar, semanalmente, os utentes do SAD e, sempre que possível, levá-los à Misericórdia. Quando tal não se proporcionar, as atividades serão realizadas no domicílio, com o recurso aos materiais que Sérgio Lindo levará. Com mais ou menos plasticina, bolas de estimulação ou recortes, uma coisa está garantida: haverá sempre uma palavra amiga, um sorriso maroto, um aperto de mão pujante. Para utentes e familiares, estes são momentos únicos, em que abrem as portas de suas casas e do coração a alguém que já lhes conquistou toda a confiança e admiração do mundo. VM

Fundão

Ciclo de concertos da Academia

A Academia de Música e Dança da Misericórdia do Fundão (AMDF) tem um ciclo de concertos agendados para janeiro e abril, na sequência de uma parceria com o Coro de Câmara de São João da Madeira. Segundo nota informativa, o diretor da AMDF, João Correia, considera que esta experiência é "um passo no crescimento musical dos alunos". Até ao momento, os jovens da orquestra sinfónica já atuaram em São João da Madeira e Albergaria-a-Velha, tendo previstas para abril outras atuações no Fundão e Penamacor.

Viseu

Janeiras no Centro Santo Estevão

O Centro Santo Estêvão, da UMP, recebeu a visita do grupo de cantadores de Janeiras dos Pauliteiritos de Abraveses, no dia 17 de janeiro, para uma atuação animada que alegrou todos os utentes. Alguns dos residentes contribuíram para este momento musical, de forma entusiástica, tocando acordeão, cavaquinho e diversos instrumentos de percussão (chocalhos, pandeiretas ou ferrinhos). Esta intervenção foi possível graças às sessões de musicoterapia, orientadas por uma das músicas dos Pauliteiritos de Abraveses.

Cantar as janeiras para quem não pode sair de casa

Em Ovar, as janeiras são uma tradição e a Misericórdia criou um grupo de cantares para levá-las a casa dos utentes do apoio domiciliário

TEXTO **VERA CAMPOS**

Ovar Emoção em dois atos. Precisamente. Dois momentos distintos. Duas comoções diferentes. Para perceber porquê, basta continuar a ler.

Estamos com os utentes de lar e centro de dia da Santa Casa da Misericórdia de Ovar. Juntos, partimos para encontrar outros utentes, aqueles que estão em casa e recebem lá o serviço de apoio domiciliário (SAD). O que vamos fazer? A resposta chega pela voz de Albertina Romão, 95 anos. "Dar alegria aos nossos velhinhos". Estamos esclarecidos. Vamos lá então, com a viola atrás. Vem aí música.

A tradição do município de Ovar dita que, em Janeiro, cantam-se os Reis. Candidata, em breve, a património cultural imaterial. Esta tradição também tem raízes na Misericórdia de Ovar onde as crianças já se organizam em trupes de reis há alguns anos. Nas respostas dedicadas aos mais velhos, houve algumas experiências, mas com o tempo, perderam a regularidade. Em 2014 este cenário começou a mudar. Cerca de 15 utentes de lar e centro de dia organizaram um grupo de Cantar de Reis. Com o apoio de voluntários criaram-se músicas e adaptaram-se outras. Ensaiaram-se os cânticos e sincronizaram-se as vozes. Otília Neto, diretora geral da Santa Casa, e também um dos rostos deste entusiasmo, garante que a intenção é "visitar todos aqueles que, de outro modo, não teriam oportunidade de ouvir o Cantar de Reis".

Assim, nas últimas semanas, a rotina já não é o que era. Nestes dias, é preciso levantar mais cedo, porque a saída acontece por volta das 9h30. Depois, em cada casa, entoam-se os cânticos ensaiados e bem afinados. "Sentem-se úteis por levar alegria a outros idosos. Quebra-se o isolamento daqueles que se encontram limitados ao seu domicílio, fruto de dependência física, estimula-se a partilha e o próprio convívio entre utentes de diferentes respostas sociais", acrescenta Otília Neto.

Por tudo isto e muito mais, cá estamos nós à porta da D. Rosinha, 98 anos (utente de SAD), madrinha de casamento de Albertina Romão, 95 (utente de centro de dia). Teme-se que a sala seja pequena. Subimos e começamos a posicionar-nos. Cabemos todos e mais se houvesse. Apertado, apertadinho, apenas o coração de quem nos recebe. A emoção fala mais alto e as lágrimas correm ao ritmo da música. Recordam-se tempos idos em que a tradição era vivida fora de portas. Na pausa entre os três momentos – a saudação, a mensagem e o agradecimento – lembram-se antigos solistas, comparam-se as trupes atuais, e acima de tudo, agradece-se a visita. "Muito, muito obrigado" repete constantemente Rosinha e a família. A despedida aproxima-se e canta-se assim: "Agora que vamos embora/Na hora da despedida/Sentimos dentro da alma/Paz para toda a vida", e continua com votos de regresso para o ano seguinte.

A emoção fala mais alto e as lágrimas correm ao ritmo da música. Recordam-se tempos idos em que a tradição era vivida fora de portas

Cumpriu-se o primeiro ato da emoção. Mas estão prometidos dois. Chegamos ao segundo. Em pleno salão nobre da Câmara Municipal de Ovar, este grupo de Cantar de Reis é recebido por todo o executivo municipal. De pé, assistem e aplaudem com agrado. O nervosismo que antecedeu a entrada nos paços do concelho está agora transformado em sorrisos rasgados e genuínos. A maioria pisa o espaço pela primeira vez. Aqui sentem-se, merecidamente, reconhecidos. Um reconhecimento que chega, também, pela voz do presidente da autarquia, Salvador Malheiro. "Uma atitude nobre da Santa Casa que não abandona os seus que não podem sair de casa. Uma ideia excecional que merece ser enaltecida e louvada", sublinha aquele autarca.

Fim do segundo ato. Amanhã, haverá certamente mais utentes do SAD a receber a animação reiseira.

Recorde-se que as Misericórdias, segundo inquérito promovido pelo Gabinete de Ação Social da União das Misericórdias Portuguesas, apoiam cerca de 18 mil pessoas em SAD.

Dília Soares
Nutricionista
Consultora de Nutrição nas Misericórdias de Baião e Espinho e na OBER - Obra de Bem-Estar Rural de Baião, nutricionista no Hospital da Arrábida, entre outros

A **Palmeiro Foods** é uma produtora do ramo alimentar, presente no mercado desde 1980 como J. Palmeiro, com uma vasta experiência na área dos desidratados e liofilizados, dedicados ao catering e ao mercado da restauração.

Especializada no desenvolvimento de produtos que economizam tempo de preparação, sem comprometer o sabor e a consistência, nomeadamente nos derivados da batata em pó e flocos, além de outros produtos sinérgicos como o molho de tomate em pó, sobremesas e compostos específicos de farinhas e amidos.
A batata desidratada, utilizada como base de sopas tem mais vantagens do que a batata fresca. Essas vantagens referem-se a todo o processo antes da confeção, porque depois de entrar na panela funciona como batata fresca.

As vantagens são:

a) Mão-de-obra
Não há necessidade de estar mais tempo a preparar a batata para a sopa - descascar, limpar, lavar, cortar

b) Espaço
Por ser desidratada, ocupa um espaço 10x mais pequeno - uma cx de 10kg de batata desidratada corresponde a 100kg de batata fresca, ou seja na despensa, no lugar de 1 Palete de batata fresca, temos 1 cx com 10 kg de batata desidratada

c) Limpeza
Limpeza na despensa e na cozinha, pois não havendo cascas, não há sujidade

d) Transporte
O valor do encargo de transporte é 10x mais reduzido

e) Controlo HACCP
Não há contato direto com o produto. Abre o pacote e coloca a batata diretamente na panela

f) Validade
Estamos a trabalhar com uma batata que tem 18 meses de validade, sem alteração de sabor, cheiro, qualidade, cor e preço

g) Conservação
Conserva-se na despensa, antes e depois de abrir.

h) Mesma Qualidade
Oferece a mesma qualidade o ano inteiro. Não vamos ter que utilizar mais ou menos batata, consoante a qualidade da mesma para fazer a sopa.

i) Controle de custos
Uma vez que usamos a mesma quantidade de batata desidratada todos os dias para confeccionar a sopa, temos um controlo de custos mais exato.

j) Preço
Preço constante ao longo do ano e competitivo versus os produtos substitutos que, proporcionam à gestão a redução dos custos efetivos e o aumento da produtividade.

O consumo da batata desidratada representa cerca de 30% de redução média de custos anual, face ao preço médio anual (oscilante) da batata fresca. Em relação ao valor nutricional a batata desidratada após ser colocada em água adquire as mesmas propriedades nutricionais que a batata fresca descascada. A partilha de know-how, através das parcerias implementadas ao nível da inovação e desenvolvimento, com vários organismos, combinado com uma seleção das melhores matérias-primas e um controlo dos processos de segurança e higiene alimentar permitem oferecer aos clientes e consumidores, produtos com garantia de um equilíbrio nutricional.

Estimulação cognitiva com ateliês de cerâmica

Em parceria com a autarquia de Lisboa, o Lar Dr. Virgílio Lopes, da UMP, disponibiliza ateliês de cerâmica para as suas utentes mais lúcidas

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

UMP No Lar Dr. Virgílio Lopes, da União das Misericórdias Portuguesas (UMP), os dias não são todos iguais. Numa manhã solarenga de inverno, Susete, Alice, Maria de Jesus, Augusta, Alice Monteiro e Maria do Céu partem na carrinha da instituição em direção à Quinta Pedagógica dos Olivais. As seis idosas que vivem no lar vão passar a manhã com as mãos no barro, no ateliê de José Carlos Fonseca.

Esta oficina de cerâmica resulta de uma parceria com a Câmara Municipal de Lisboa, que dura há cerca de quatro anos. "A vantagem desta iniciativa é o envolvimento das nossas utentes mais lúcidas no manuseamento do barro. Além deste aspeto relacionado com a estimulação cognitiva, esta é uma forma de se integrarem e de harmonização entre elas", defende José Nunes, administrador-delegado do lar.

Neste reduto de mundo rural dentro da cidade, o oleiro começa por distribuir um pedaço de barro a cada uma das suas 'jovens' aprendizes e juntos dão forma à argila. "O que vos apetece fazer hoje? Que tal um cestinho para guardar as joias?", sugere o oleiro.

"Tenho pouca sensibilidade nos dedos", queixa-se Susete. Mas apesar dos 88 anos, a utente esforça-se para moldar uma flor de barro para decorar o seu cesto, com a ajuda de José Fonseca.

Enquanto orienta cada uma das idosas, o mestre lança um rápido olhar sobre as restantes alunas. "A D. Augusta é ceramista. Nem lhe estou a dar muita atenção porque está a fazer tudo bem", diz orgulhoso.

Aos 83 anos, Maria Augusta relembra a infância no campo e as brincadeiras de criança. "Quando era miúda adorava mexer no barro e fazer bonequinhos com os meus oito irmãos. Fomos criados numa quinta no campo por isso aqui revivo um bocadinho do passado".

Durante este momento de aprendizagem, Paula Abreu, a animadora social do lar, acompanha as utentes e elogia a destreza de algumas. "Você é fantástica", diz para Maria de Jesus Branco.

Quando as obras estão terminadas, o mestre identifica as peças e coloca-as sobre uma tábua de madeira para secarem, antes de as levar ao forno, que chama de "mufla". No próximo encontro, em fevereiro, as alunas vão pintar as peças da sua autoria. Na despedida, o mestre e as alunas são interrompidos por meia dúzia de galos e galinhas que passeiam no caminho de terra batida. "Gosto imenso disto, faz-me recordar os meus tempos antigos", exclama Maria Augusta.

A empatia entre as colaboradoras e as utentes no Lar Dr. Virgílio Lopes reflete uma estratégia global de "humanização" dos recursos humanos

No regresso, a boa disposição que reina entre todas deixa a animadora social satisfeita. Na sua abordagem com as utentes, Paula Abreu intitula-se "apologista do riso" de modo a "minimizar a sensação de estar num lar". "Temos de ter paciência e muito amor. Quem trabalha nesta área não pode fazer de outra maneira. Elas sentem-se gratas por estarmos aqui e porque alguém se preocupa. Para mim, só um sorriso é uma oferenda".

A empatia que existe entre as colaboradoras e as utentes reflete uma estratégia global de "humanização" dos recursos humanos, focada pelo administrador-delegado, José Nunes. Na sua opinião, só essa humanização, aliada a competências técnicas, pode garantir a "excelência" dos serviços prestados às 49 utentes que residem no lar. Por essa razão, admite que muitas destas idosas se referem ao lar como sendo a sua casa e convivem como se fossem da mesma família.

O Lar Dr. Virgílio Lopes, com capacidade para 54 utentes, foi a primeira instituição anexa criada pela UMP e comemora brevemente os 30 anos da sua fundação, no dia 11 de setembro de 2015. Volvidas três décadas, José Nunes recorda que naquele espaço decorreram as primeiras ações de formação ministradas pela UMP e residiram alguns dos primeiros utentes portadores de deficiência, mais tarde transferidos para o Centro de Apoio a Deficientes João Paulo II, em Fátima.. VM

Saúde

Hospitais distinguidos pela ERS

Os hospitais das Misericórdias do Porto e Vila Verde foram distinguidos pela Entidade Reguladora da Saúde, segundo resultados publicados a 26 de dezembro de 2014. O hospital da Misericórdia de Vila Verde obteve o nível de qualidade III nos itens de excelência clínica, segurança do doente, adequação e conforto das instalações e focalização no utente. Da mesma maneira, o Hospital da Prelada, da Santa Casa do Porto, recebeu o nível III de qualidade nas áreas de ortopedia e cirurgia ambulatória.

Ribeira Grande

Colaboradores homenagearam ex-provedor

O antigo provedor da Santa Casa da Misericórdia de Ribeira Grande, Cabral de Melo, e dois membros da mesa administrativa (vice-provedor Nelson Janeiro, vogal Elvira Melo) foram homenageados pelos funcionários da instituição, durante o jantar de Natal de 2014. Durante a homenagem foram recordados momentos marcantes do seu mandato. Cabral de Melo decidiu não se recandidatar ao novo mandato depois de 21 anos à frente daquela instituição açoriana, sucedendo-lhe Nelson Correia.

Racionalizar custos com informática

Cascais A Misericórdia de Cascais criou um programa informático para a gestão de unidades sociais e de saúde há cerca de dois anos. Segundo a provedora, Isabel Miguéns Bouças, a iniciativa tem-se traduzido numa racionalização de custos para as três respostas sociais onde está implementado o software.

A Plataforma de Gestão de Unidades Sociais/Saúde (PIGUS) tem permitido uma melhor gestão das atividades da vida diária, ao nível da utilização de fraldas, higiene e administração de medicamentos. O programa está a funcionar em pleno no Centro de Apoio Social do Pisão, na Residência Sénior de Fisgas e na Residência Sénior Prof. Dr.ª Maria Ofélia Leite Ribeiro.

No caso do Centro de Apoio Social do Pisão, onde são distribuídos diariamente mais de 4000 medicamentos a 340 utentes, a utilização deste software veio permitir uma gestão mais cautelosa da farmácia. Este é um dos exemplos dados por Isabel Miguéns para ilustrar os "resultados muito positivos" desta plataforma informática.

Mas a principal vantagem deste software, aponta a provedora, reside no facto de ter sido criado à medida das necessidades da instituição. A partir de um "levantamento rigoroso dos procedimentos manuais" realizados nestes equipamentos, foi possível ao informático da Santa Casa montar uma estrutura base para o desenvolvimento da plataforma.

Por enquanto este programa informático ainda só está a ser utilizado por esta Santa Casa mas a longo prazo Isabel Miguéns espera que este venha a ser "um incremento muito útil para instituições com serviços idênticos" aos da Misericórdia de Cascais.

Por essa razão, a instituição está disponível para apresentar o software, já registado e pronto para ser comercializado, a qualquer interessada em começar a utilizá-lo.

TEXTO **A.C.F.**

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Leia, assine e divulgue

Para assinar, contacte-nos: Jornal Voz das Misericórdias, Rua de Entrecampos, 9 – 1000-151 Lisboa
Telefone: 218110540 ou 218103016 **Email:** jornal@ump.pt

Manuel de Lemos

Forma mais representativa de inovação é a cooperação

Mudar paradigmas e mentalidades é o principal desafio dos próximos tempos. Para o presidente da UMP, inovação vai passar por haver mais cooperação entre as instituições

ENTREVISTA **BETHANIA PAGIN**

Considera que temos vivido tempos de afirmação da economia social?
Não tenho dúvidas nenhumas sobre isso. Nunca na opinião pública portuguesa e europeia foi tão relevante a importância da economia social no desenvolvimento e no crescimento do país.

O processo de revisão do estatuto das IPSS já está concluído e foi já publicado um novo decreto-lei. Quais as principais vantagens do novo enquadramento legal?
O diploma que tínhamos era um bom diploma, mas ao fim de mais de 30 anos era necessário "aggiornare", para utilizar uma palavra italiana, aquele documento à nova realidade, aos novos desafios das instituições particulares de solidariedade social e prepará-las para os próximos anos. Esta é a sua razão de ser e houve, nesse sentido, um grande consenso quer das posições do governo, quer das posições da União das Misericórdias Portuguesas e da CNIS, quer da Igreja Católica e de outros setores da vida portuguesa que foram chamados a intervir. É óbvio que o resultado é positivo.

No âmbito da economia social, o que considera serem os grandes desafios da inovação?
Eu aqui prefiro distinguir economia social da economia solidária. A economia social abrange várias famílias que não só a solidária, onde as Misericórdias estão inseridas. Portugal construiu-se à volta de um modelo em que o Estado faz tudo, assegura tudo, desenvolve tudo. Por contraposição ao Estado, há o setor privado, cujo tecido social não é muito forte e daí a dificuldade que temos vivido no nosso país. A dualidade sempre foi público-privado e, por isso, o grande desafio da economia social é 'furar' este modelo, encontrar o seu próprio espaço, fazendo instalar na sociedade portuguesa a ideia da sua importância.

Como traduzir essa ideia em ações concretas?
As instituições de economia solidária têm um trabalho duplamente acrescido. Esse trabalho não passa tanto pelo reconhecimento da sociedade porque toda gente reconhece que somos a grande almofada social dos portugueses, especialmente em tempo de crise. O grande desafio hoje é a sustentabilidade. Temos de ter capacidade para encontrar formas de inovação que garantam a nossa sustentabilidade e, para isso, a forma mais representativa de inovação, na minha opinião, é a cooperação entre as instituições. Isto é, falamos muito sobre cooperação com o Estado, estamos sempre a reclamar cooperação com o Estado, mas os exemplos que temos de cooperação entre Misericórdias são muito pequenos. Mas não é só entre as Misericórdias, isso acontece com todas as famílias da economia solidária. Esta cooperação poderia passar por uma coisa tão simples como racionalizar, por exemplo, o apoio domiciliário que é prestado às populações. Hoje assistimos a uma verdadeira concorrência – um termo que não deveríamos ter entre nós – entre as instituições que têm acordo para apoio domiciliário. Temos de racionalizar isso, encontrando formas de cooperação. Só assim teremos dinheiro para fazer coisas novas.

Na sua opinião, o que falta fazer para que os portuguese conheçam de facto o setor social e solidário que têm e como levá-los a participar mais neste movimento?
Sobre isto, penso que há aqui um problema de media, um problema de divulgação. O setor social precisa de se afirmar junto dos media. Repare, um compromisso inédito que foi assinado pelo setor com três ministérios, numa sessão presidida pelo primeiro-ministro, não passou na televisão. Há claramente um problema de afirmação. Depois há a ideia que fazemos bem. Como diriam os americanos good news, no news...Também somos muito apresentados como instituições muito velhas e conservadoras. Quando fiz um gesto simples que foi dizer que o protocolo era fixe, todas as televisões transmitiram. Um tipo de cabelos brancos, representante das Misericórdias, a fazer um gesto que poderia ser feito por um jovem foi suficiente para tocar a comunicação social. Sem descurar o rigor e a qualidade daquilo que já fazemos, é preciso fazer alguma coisa nessa área.

O protocolo bianual com o governo contempla áreas como saúde, educação e formação, além da segurança social. Estamos diante de uma mudança de paradigma que poderá influenciar o futuro da cooperação entre Estado e setor social?
Completamente e as Misericórdias vão-se aperceber claramente disto em pouco tempo. O protocolo está a forçar a mudança de paradigma sobretudo na abordagem com a saúde e a educação. Se com a segurança social já tínhamos um percurso, e estamos a melhorá-lo muito, posso dizer que na saúde e na educação estamos a trilhar um caminho completamente novo. Importa promover o diálogo, obrigar o Estado a refletir e conversar.

Pode-se então dizer que já há uma mudança de postura por parte do Estado?
Há um aspeto muito importante no compromisso que é a perceção dos governantes sobre o trabalho que estamos a desenvolver. Isso é muito evidente da parte do primeiro-ministro (PM). Já trabalhei com outros chefes de governo, mas nunca houve um tão próximo do setor social. Sei que haverá quem não goste de ouvir isso, mas tem de ser dito, e haver disponibilidade não quer dizer que haja sempre concordância. Há debates duros, mas a proximidade é evidente. Um exemplo é a presença, na comissão permanente do setor social, liderada magnificamente pelo secretário de Estado da Solidariedade e Segurança Social, Agostinho Branquinho, de uma assessora do PM. Apenas este facto, que é absolutamente espetacular e demonstrativo

Continue na página seguinte ►

► *Continue na página seguinte*

do diálogo que existe, representa a tal mudança de paradigma.

Para as Misericórdias, quais vão ser as principais oportunidades e desafios no âmbito do Portugal 2020?
A primeira coisa a dizer é que as Misericórdias devem aproveitar esse quadro como se fosse o último. Devem aproveitá-lo e aproveitá-lo de maneira inteligente. O Portugal 2020 não é igual aos outros quadros. Pela primeira vez há verbas para a economia social e, sem prejuízo de irmos a todos os programas, há fundos só para nós no âmbito da capacitação e da inovação. Temos de saber aproveitar muito bem essa oportunidade, mas acredito que vai ser necessária uma mudança de paradigma na resposta que damos aos desafios sociais. Temos de fazer o que já fazemos, mas temos de fazer mais. As Misericórdias ganharam muita evidência como gestoras de equipamentos, mas temos de ir cada vez mais para rua. Esse é um percurso novo que cabe na inovação, mas que também passa pela RLIS, pelo apoio domiciliário e tantas coisas que podermos vir a fazer. Isso tudo são expressões da mudança de paradigma que o quadro comunitário possibilita. Se soubermos aproveitar, as Misericórdias serão vistas como cada vez mais imprescindíveis na sociedade portuguesa. Temos um passado de que nos orgulhamos, mas somos instituições com presentes e temos um longo futuro pela frente.

Reunir competências de várias partes

Apoio domiciliário. Como reforçar e melhorar o trabalho que já está a ser realizado pelas Santas Casas? Há pouco falou sobre racionalização de recursos...
Em termos de estratégia, se olharmos para a demografia, se olharmos para o número de respostas tradicionais que existem - centros de dia, estruturas residenciais, centros de noite, cuidados continuados etc – percebemos que não são suficientes. Acredito que o grande desafio no âmbito do envelhecimento vai passar por um apoio domiciliário como deve ser: sete dias por semana, 24 horas por dia. E como é que se faz isto? Há muita coisa na área da inovação que podemos fazer, aproveitando as novas tecnologias, a mudança do perfil do idoso, que sabe o que é um computador e portanto tem outras formas de relação e outras formas de comunicação. Temos de ser capazes de cooperar uns com os outros para aumentar a segurança das pessoas, para que elas fiquem em casa confiantes de que se necessitarem estarão lá as instituições do setor solidário. Não tenho dúvidas de que o pivô de tudo isso será um apoio domiciliário como deve ser.

Há quem diga que a RLIS é um verdadeiro exemplo de parceria entre Estado e setor social. Concorda? Por que?
A questão da RLIS pode até suscitar do ponto de vista ideológico, e sei que suscita, em alguns setores da sociedade portuguesa algumas reticências, mas não pode estar em causa o conceito de cooperação na resolução dos problemas das pessoas. Temos verificado que há vários governos que se vêm a afastar de um conjunto de responsabilidades, ou deixando as pessoas sem cobertura, ou fazendo mal essa cobertura ou fazendo-a a custos elevadíssimos para o Estado. Se for verdade que os recursos não abundam, e acredito que é verdade, e nem vão abundar nos próximos anos, pese embora as promessas políticas mais recentes, é óbvio que o Estado só consegue avançar nesse desiderato de proteger os cidadãos se reunir à sua volta as competências de várias partes. O âmbito e o limite dessas competências podem variar e variarão consoante as filosofias partidárias de quem estiver no governo. Contudo, o atual modelo que está a ser desenhado é bom porque o setor solidário conhece bem a realidade no terreno. Temos de seguir com muito interesse e atenção as experiências-piloto da RLIS e depois sim podemos discutir os limites das competências do Estado e do setor social. Neste momento, o que está em cima da mesa é fazermos mais, fazermos melhor e com menos custos. As Misericórdias estão disponíveis para isso.

Na área da saúde, o que vamos assistir em relação aos cuidados continuados nos próximos tempos?
A rede vai ter inevitavelmente de crescer, mas eu não quero falar apenas sobre cuidados continuados. Temos de olhar para o problema do envelhecimento de forma geral e para aquilo que, a meu ver, vai ser a evolução daquilo que agora chamamos de estruturas residenciais para pessoa idosa (ERPI). Há 20 ou 30 anos os lares eram isso mesmo: um lar. Ou seja, um sítio que os idosos com mobilidade escolhiam para passar os últimos dias de vida, protegidos por uma instituição de referência que lhes merecia a total confiança. Mas o aumento da esperança de vida e o aumento das fragilidades que o envelhecimento traz consigo provocaram mudanças nos lares.

Muitos preferem mesmo ficar em casa...
As pessoas já não vão para os lares, regra geral, passar os últimos tempos de vida, mas vão porque já não podem mais, já não podem viver sozinhos em casa e os familiares não podem acolhê-los. Vão para os lares em último caso e quando lá chegam vão já muito dependentes. Por isso o peso da saúde nesse tipo de equipamento é muito elevado, o peso da dependência é muito grande. As pessoas vivem mais, com demências e outros problemas. Por isso, fizeram muito bem, o governo e as uniões, quando pediram que no quadro comunitário mais importante não fosse fazer novos lares mas sim requalificá-los. Importa preparar as estruturas para esta nova realidade. Isso pode ser uma antecâmara dos cuidados continuados ou um princípio da rede. As tais ERPI estão de passagem se olharmos para elas da maneira tradicional e isso não se pode divorciar da rede de cuidados continuados. Julgo que a rede vai crescer mas o que vai ter inequivocamente de acontecer é haver vontade política de um qualquer governo para diminuir o número de camas hospitalares porque o número de agudos não tem aumentado da mesma forma.

Sobre as fragilidades que referiu, o que deve ser a estratégia para a UMP e Misericórdias para lidar com o problema das demências?
Do ponto de vista pessoal, mas sobretudo do ponto de vista estratégico, a União e as Misericórdias estão de parabéns por terem sido líderes

O que está em cima da mesa é fazermos mais, fazermos melhor e com menos custos. As Misericórdias estão disponíveis para isso

neste processo, por termos sabido antecipar o problema com a unidade Bento XVI e depois por termos ousado fazer o projeto VIDAS. Devemos agradecer também ao governo que nos apoiou neste desiderato. Neste momento, estratégico é haver um VIDAS 2, com mais gente e mais capacidade, e um VIDAS 3 e um VIDAS 4, ou seja, dar resposta às Misericórdias que estão motivadas para resolver um problema que já têm. Se tivermos edifícios e recursos humanos capazes trataremos melhor as pessoas. Num segundo momento, talvez replicar o modelo do Bento XVI em algumas regiões do país. Esqueçam é a ideia de que cada Misericórdia vai ter uma unidade para demências. Não vai haver dinheiro para isso. Pelo menos num quadro de dez anos, mas faz sentido que haja algumas.

Fazemos isso tudo porque temos uma missão

Os hospitais começaram a ser devolvidos. O que isso representa para as Misericórdias e para UMP uma vez que o MS solicitou que seja a União a acompanhar o processo?
Em primeiro lugar a devolução representa um passo decisivo no nosso regresso à saúde que, 40 anos depois do 25 de abril, está consumado. As Misericórdias têm hospitais e cuidados continuados e está no compromisso assinado com o governo que vamos ter cuidados primários. O regresso está consumado, mas representa um grande desafio que é fazer com que esta consumação não se esgote em si mesma mas que se transfira para a qualidade dos cuidados disponíveis à população que servimos. Os exemplos que temos dão prova de que isso é possível, mas apenas no âmbito da tal mudança de paradigma que falava há pouco quando disse que estamos a trilhar novos caminhos na área da saúde. Aqui está um bom exemplo. Temos de saudar a inteligência dos responsáveis que estão connosco neste caminho.

E o papel da UMP nesse processo?
A nossa responsabilidade é muito grande. A monitorização dos hospitais devolvidos mas também dos 12 que já têm acordos obriga a União a fazer um esforço suplementar, mas que para nós faz todo o sentido para assegurar a qualidade e irreversibilidade deste processo. O Estado contribuiu muito para a devolução, mas também contribuíram três aspetos. O exemplo dos hospitais que já tinham acordos e a adesão das populações a essas unidades, a determinação forte dos provedores que assumem agora os hospitais de volta e, por fim, a seriedade, a capacidade e a competência demostrada pela União em todo o processo de negociação. Tenho a consciência de que muitas vezes irritamos o Estado e muitas vezes o Estado nos irritou a nós, mas no fim saímos todos com mais respeito uns pelos outros.

Na área do património, qual é a importância do investimento das Misericórdias em arte contemporânea?
O projeto tem sobretudo a ver com os valores. Fazemos isso tudo porque temos uma missão e um conjunto de valores, o que é especialmente importante num momento em que os valores estão a ser amplamente discutidos na Europa. Penso que a UMP esteve muito bem quando fez um apelo aos valores pedindo aos artistas que pintassem a Nossa Senhora sem saber das suas crenças pessoais. O valor dos quadros é intangível e imaterial, embora eu pense que dentro de alguns anos algumas Misericórdias vão ver as suas peças valorizadas por causa da notoriedade dos pintores. Neste momento já estamos a trabalhar na segunda fase que vai abranger duas obras de misericórdia: uma corporal e outra espiritual.

Missão Para Manuel de Lemos, a União das Misericórdias Portuguesas reforçou de maneira muito clara o apoio às instituições, razão de ser da UMP

Como avalia o projeto Marca Misericórdia? Acredita que se venha a constituir uma rede de distribuição capaz de promover a venda de produtos entre Misericórdias, mas também fazer chegá-los ao grande público?
O projeto Marca Misericórdia é a ponte entre economia solidária e economia social. Trata-se de uma área que vai para além do nosso core, que entra no domínio da economia social e que tem dois objetivos. Por um lado permitir que as Santas Casas obtenham alguns recursos para aumentar a sua sustentabilidade, mas sobretudo tem muito a ver com a nossa imagem. Temos de mostrar aquilo que fazemos de diferente e de qualidade. Essa imagem de marca tem a ver com o nosso dinamismo, com a nossa atuação e intervenção em áreas insuspeitas, embora algumas tenham já séculos de tradição. Não é nada de novo no nosso mundo. O que é novo tem a ver com o fazer o que é preciso para mostrar a economia social. Neste momento temos 12 Misericórdias, mas seria excelente que tivéssemos 50 ou 60 no projeto.

Novas formas para fazer mais com menos

Estamos no último ano do terceiro mandato. Que balanço faz do trabalho realizado e que projetos gostaria de ver concretizados até ao fim de 2015?
O saldo do mandato não me compete a mim apurar, mas sim aos senhores provedores. Eu diria que reforçamos de uma maneira muito clara o apoio às instituições, razão de ser da UMP, e concluímos duas obras notáveis que têm a ver com o respeito e a imagem de todas as Misericórdias. Em relação ao que gostaria ainda de realizar, interessa consolidar a devolução dos hospitais, o compromisso no seu conjunto e lançar as pistas dos tais novos paradigmas na área social, da saúde e da educação e apoiar as Misericórdias no aproveitamento dos quadros comunitários. No plano interno, penso que as coisas estão estruturadas.

Em termos de serviços prestados às Misericórdias pela UMP, o que vão ser, na sua opinião, as prioridades dos próximos anos?
A questão da capacitação vai ser fundamental. Os provedores sabem que o caminho que vimos trilhando foi um caminho glorioso mas que em termos de modelo, especialmente na área social, se está a esgotar. Vivemos há vários anos com aumentos mínimos nas comparticipações, as famílias estão em dificuldades, mas temos de ser capazes de dar a volta por cima. Este dar a volta exige muita cooperação com o Estado, mas exige também vontade da nossa parte. Importa mudarmos as nossas cabeças para trabalharmos em conjunto. Isso é que é inovação. Encontrar novas formas para podermos continuar a fazer mais com menos, sendo certo que vão continuar a chegar à nossa porta cada vez mais idosos e cada vez mais doentes. Isso exige uma grande disponibilidade para mudança e reconheço que é o mais difícil.

Para o efeito, considera que a comunicação poderia ser uma ferramenta adequada?
Temos de ser mais agressivos, de fazer coisas diferentes. Termos de tornar a UMPtv mais presente nas instituições, preparar mais newsletters, assegurar que o jornal chegue a mais pessoas etc. Temos de reforçar a comunicação para fora, temos de trabalhar em articulação com parceiros do nosso mundo: o Solidariedade da CNIS e a Agência Ecclesia, por exemplo, para conseguirmos empurrar esta locomotiva que é muito capaz, mas que às vezes precisa de uma orientação para saber por onde ir.

bmac
ANÁLISES CLÍNICAS

ANÁLISES CLÍNICAS

www.bmac.pt

808 100 022

> Rapidez na entrega de resultados
> Envio de resultados por e-mail quando solicitado

> Acordos e Convenções

- SNS (Serviço Nacional de Saúde)
- ADSE
- MÉDIS
- MULTICARE
- ADVANCECARE
- CGD
- SAMS
- SAM SIBS
- SAMS QUADROS
- MONTEPIO GERAL
- PORTUGAL TELECOM
- CRUZ VERMELHA PORTUGUESA
- PSP
- ADMG (GNR)
- IASFA (ADM, ADME, ADMFA)
- APDL
- ALLIANZ
- SAÚDE PRIME
- OUTROS SUBSISTEMAS

Bragança 273 323 848
Estarreja 234 843 502
Faro 289 888 172
Guimarães 253 483 520
Lisboa 213 573 056
Moncorvo 279 254 264
Porto 226 057 870
Santo Tirso 252 830 440
Viseu 232 432 883

geral@bmac.pt

Líderes na Saúde.

ANTÓNIO TAVARES
Provedor da Misericórdia do Porto
scmp@scmp.pt

Desafios para um Estado social de terceira geração

Vivemos num mundo com graves problemas de coesão social e económica. Um mundo que alguns autores dizem ser de soma zero. Ou seja, para uns ganharem outros irão perder nesse imenso labirinto chamado mercado.

Agora também temos uma crise que cria desemprego estrutural e onde as políticas ativas de emprego funcionam como paliativos de uma crise sem fim.

Quando falamos desta crise económica e demográfica não nos podemos esquecer que estamos a falar de uma parte da sociedade globalizada, ou seja, aquilo que se convencionou chamar de Ocidente.

Crise demográfica porque existe uma desproporção entre inativos e ativos, temos cada vez mais reformados e uma diminuição da taxa de natalidade. Somos vítimas do nosso sucesso. Para nós a crise tem um rosto e tem nomes. A crise não são só meros números.

Partindo deste mundo que é uma aldeia global, como já lhe chamaram, podemos e devemos equacionar se existe sentido e condições para uma instituição como as Misericórdias, repito, terem sentido na atuação da defesa e complementaridade do Estado Social. A minha resposta é sim.

As Misericórdias são imutáveis no tempo. Atravessam regimes, sobrevivem a sistemas políticos, adaptam-se aos modelos económicos fazendo a ponte social que o Estado não consegue e a sociedade civil reclama perante a exigência da comunidade.

Neste contexto, a primeira conclusão que me arrisco a propor é a necessidade de se evoluir para o que chamo um Estado Social de terceira geração. Estou convicto que as Misericórdias podem ter um papel fundamental na defesa e manutenção deste Estado Social na tal terceira geração onde o princípio da parceria terá um lugar mais decisivo na escolha e definição das políticas públicas.

Quais serão pois os desafios para as Misericórdias?

O primeiro será o do paradigma da gestão. Com a alteração da legislação do sector criam-se as condições que podem permitir a mudança do modelo da gestão com o reforço do princípio da responsabilização, o aumento da transparência interna e a existência de condições que possibilitem ter dimensão e economias de escala.

A profissionalização será também uma questão a colocar agora que a existência de limites de mandatos assegura a renovação dos dirigentes.

O segundo desafio é o da contratualização. Trocar o princípio da subsidiodependência pelo da contratualização com o Estado, assumindo que a relação com este deve permitir cumprir esta dimensão de missão.

O terceiro desafio será o do novo modelo de financiamento. Torna-se necessário poder reduzir os défices de subfinanciamento sistemático de certos equipamentos através de captação de novos recursos financeiros assentes em novas atividades de modo a ser possível ter liquidez.

O quarto desafio será o da inovação. A inovação social representa o acesso a novas formas de serviços a prestar como um reforço do empreendedorismo social como forma de permitir a reinserção de muitas pessoas no mercado criando o seu próprio posto de trabalho.

O quinto desafio é trabalhar em rede. As organizações de solidariedade social e as Misericórdias devem saber trabalhar em rede, juntando reforços humanos e financeiros, fazer a troca de informação, evitando repetir áreas de intervenção ou estar todos a fazer a mesma coisa.

O sexto desafio é o de saber captar a filantropia e os doadores. Isto é, saber, de novo, voltar a captar a disponibilidade de pessoas para apoiarem com doações.

Somos vítimas do nosso sucesso. Para nós a crise tem um rosto e tem nomes. A crise não são só meros números

As Misericórdias são imutáveis no tempo. Atravessam regimes, sobrevivem a sistemas políticos, adaptam-se aos modelos económicos

Políticas públicas não devem mostrar medo de incentivarem o envolvimento do sector social no seu desenvolvimento

O sétimo desafio é o do voluntariado. Torna-se fundamental saber aproveitar a disponibilidade de muita gente, principalmente jovens e aposentados, para colaborarem no apoio a comunidade.

O oitavo desafio são os fundos europeus. Os fundos comunitários que o Programa 2020 vai disponibilizar são de tal forma significativos que a sua existência permite criar condições únicas para as Misericórdias.

O nono desafio é reafirmar um pacto de confiança com as nossas comunidades e as suas populações. Uma história com mais de 500 anos implica uma permanente ligação com os anseios e as ambições dessas pessoas.

O décimo desafio é de uma estratégia conjunta onde fique claro que temos objetivos nas áreas que definem o Estado Social.

Num tempo em que já se fala de um Estado Social em parceria parece-me, salvo melhor opinião, que as políticas públicas não devem mostrar medo de continuarem e incentivarem o envolvimento do sector social no seu desenvolvimento.

Aliás, a aprovação no Parlamento, por unanimidade, da Lei de Bases da Economia Social, mostra que existe um largo e vasto consenso, que ultrapassa o arco do governo.

Permitam que termine deixando um aviso e um alerta, que todos os dias, cada vez mais, se atravessa no nosso convívio social. Socorro-me do antigo Premio Nobel da Economia, John Kenneth Galbraith para dizer que "o conflito político e social já não é, e não será no futuro, entre o capital e a mão-de-obra, será antes entre os que gozam de uma situação confortável e os que vivem com efetivas privações. Esta convivência não e, talvez não venha a ser, pacifica".

Esta, pois, é a nossa nova fronteira. Somos a última linha de solidariedade..

VOZ DAS MISERICÓRDIAS

Órgão noticioso das Misericórdias em Portugal e no mundo

PROPRIEDADE:
União das Misericórdias Portuguesas
CONTRIBUINTE: 501 295 097
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Rua de Entrecampos, 9, 1000-151 Lisboa

TELS.: 218 110 540 / 218 103 016
FAX: 218 110 545
E-MAIL: jornal@ump.pt

FUNDADOR:
Dr. Manuel Ferreira da Silva

DIRETOR:
Paulo Moreira

EDITOR:
Bethania Pagin

DESIGN E COMPOSIÇÃO:
Mário Henriques

PUBLICIDADE:
Paulo Lemos

COLABORADORES:
Adriana Mello
Ana C. de Freitas
Alexandre Rocha
Patrícia Posse
Vera Campos

ASSINANTES:
jornal@ump.pt

TIRAGEM DO N.º ANTERIOR:
13.550 ex.
REGISTO: 110636
DEPÓSITO LEGAL N.º: 55200/92

ASSINATURA ANUAL:
Normal - €10
Benemérita – €20

IMPRESSÃO:
Diário do Minho
– Rua de Santa Margarida, 4 A
4710-306 Braga
TEL.: 253 609 460

‘Mostrar a Portugal o que são as Misericórdias’

Trinta anos Para celebrar as três décadas do Voz das Misericórdias, pedimos a dois ex-diretores, o mais velho e o mais jovem, para contarem a história do jornal

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**

Trinta anos depois da fundação do jornal Voz das Misericórdias (VM) colocámos em diálogo dois tempos distintos da sua história. Ouvimos o fundador, Manuel Ferreira da Silva, que ao longo de vários anos assumiu as funções de direção do Voz, mas também quisemos saber o que pensa um dos diretores mais recentes, Mariano Cabaço, que entre 2007 e 2010 coordenou a equipa da redação. Um tem 96 anos e o outro 46. Para ambos e apesar das diferenças de cada tempo, o VM foi, é e continuará a ser um meio para reforçar e divulgar o universo das Misericórdias.

Tudo começou em 1982, quando Ferreira da Silva viu pela primeira vez uma notícia sobre a União das Misericórdias Portuguesas (UMP) e decidiu escrever para Viseu (primeira sede da UMP) para agendar um conjunto de entrevistas sobre aquele assunto para si tão novo. Uma das figuras que entrevistou para a Rádio Renascença, onde colaborava, foi o então presidente da UMP, padre Virgílio Lopes, que lhe lançou o desafio de criar um jornal dedicado às Misericórdias. Embora sobre elas “nada soubesse”, isso não impediu Ferreira da Silva de agarrar de imediato a oportunidade. Preparou-se bem, estudou muito e à medida que foi desbravando conhecimento partilhou-o no jornal.

No início, o diretor era simultaneamente jornalista, editor e desdobrava-se em contactos para angariar notícias junto das Misericórdias. “Tinha de adivinhar o que acontecia porque as Misericórdias não tinham grande vontade de colaborar”. Perante a dificuldade inicial para reunir material noticioso, o jornal decidiu assinar uma agência de recortes, através da qual recebia notícias publicadas sobre as Misericórdias. Depois de reunida toda a informação, Ferreira da Silva escrevia os artigos e montava uma maquete, onde indicava quais as peças de maior ou menor relevo. O jornal ganhava finalmente um “rosto” na tipografia do diário “Notícias da Covilhã”, então responsáveis pela paginação e distribuição.

Para o fundador, o jornal afirmou desde o início a sua intenção em ser uma voz comum a todas as Misericórdias. “O jornal era uma espécie de trombeta que lembrava às Misericórdias que elas existiam e era preciso darem-se também a conhecer”, explica Ferreira da Silva. Ao deparar-se com a falta de conhecimento das Misericórdias em relação à sua própria história, Ferreira da Silva procurou revestir o jornal de uma função pedagógica para suprir essa lacuna. Além disso, importava também “mostrar a Portugal o que são as Misericórdias e despertar a atenção do país para uma instituição que só meia dúzia de pessoas conhecia”.

Volvidas três décadas, Mariano Cabaço, que assumiu a direção aquando da saída de Ferreira da Silva, considera que essa função de “afirmação da identidade das Misericórdias e de criar consciência para o seu movimento” ainda persiste, mas refere ainda que “não devemos ficar reféns do passado e da história porque as Misericórdias são instituições com longevidade”.

Ao refletir sobre a atualidade das Misericórdias, dando conta das atividades que desenvolvem, Mariano Cabaço acredita que o jornal contribui para “afirmar os valores que as Misericórdias perfilam, criando assim públicos para que se conheça a realidade das instituições”. Por essa razão, considera jornal deve por um lado, abordar “os valores, fundamentos e a identidade das Misericórdias, numa estratégia de doutrina”, mas por outro deve dar uma “noção clara da pujança que as Misericórdias têm na atualidade e da forma como vão lendo os sinais dos tempos e se vão atualizando”.

Se inicialmente o jornal se dirigia quase exclusivamente aos irmãos, dirigentes e utentes das Misericórdias, com a direção de Mariano Cabaço houve a preocupação de criar novos públicos, alargar e diversificar o tipo de leitores. “O VM deve ser uma voz para as Misericórdias mas também para o país todo”, diz-nos. Em termos de estratégia de distribuição do jornal, isso refletiu-se no envio de dez ou quinze exemplares para cada Misericórdia com intuito “delas mesmas participarem na disseminação

Continue na página seguinte ▸

TESTEMUNHOS

Trabalhar com VM permitiu-me abordar temas que muitas vezes passam ao lado de outros órgãos de informação. Estou a falar da área social, pilar principal deste país cada vez mais empobrecido. Uma vénia para o jornal e para as Misericórdias.

Susana Ramos Martins
Viana do Castelo

Trabalhar com o VM foi descobrir pessoas e instituições que trabalham em prol do outro, abdicando de horários e honorários. Em cada nova reportagem saio enriquecida. Já ri e já chorei com as estórias que escrevi.

Vera Campos
Aveiro

Trabalhar com as Misericórdias é conhecer uma realidade que, demasiadas vezes, 'passa ao lado' do cidadão comum e, ao mesmo tempo, valorizar mais a vida e perceber que um pequeno gesto pode significar muito para quem mais necessita.

Rita Camacho
Costa Vicentina

Colaborar com o VM permitiu-me conhecer de perto uma irmandade que se rege, sobretudo, pela solidariedade e pelo amor ao próximo. Entrar no mundo das Misericórdias é testemunhar grandes feitos conseguidos com pequenos gestos.

Ana Paula Cardoso
Coimbra

30 anos Ao longo de três décadas, o Voz das Misericórdias foi mudando de aspeto gráfico. A primeira capa colorida foi em Agosto em 1985

► *Continue na página seguinte*

do jornal na sua localidade e se assumirem enquanto veículos transmissores".

Como resultado desta projeção, a própria redação do jornal teve de crescer para conseguir responder com qualidade e em tempo útil a todas as solicitações. Por essa razão, em 2009, foi implementada uma rede de jornalistas, juntamente com um novo grafismo mais apelativo. Enquanto no início, Manuel Ferreira da Silva assumia quase todas as funções de redação de notícias, excetuando pontuais colaborações, em 2009 a redação do jornal passou a contar com profissionais distribuídos pelos vários distritos do país.

Cinco anos depois da sua implementação, Mariano Cabaço acredita que essa rede de jornalistas foi uma mais-valia para a qualidade e diversidade do jornal, permitindo por um lado que a redação do jornal se dedicasse à coordenação e validação de conteúdos, e garantindo, por outro, uma maior diversidade de estilos e um tratamento jornalístico mais personalizado e adequado à realidade local.

Na mesma altura em que foi criada a rede, foi criado um espaço dedicado à opinião de provedores, colaboradores e parceiros, que segundo o ex-diretor foi fundamental para dar conta das diferentes sensibilidades e conceções locais e contribuiu para "consolidar a seriedade editorial do jornal". Esta nova rubrica refletiu uma preocupação já demonstrada pelo fundador, mas não concretizada na altura, e que passava por "auscultar a opinião dos provedores, por se tratarem dos homens da frente da batalha".

Nesta voz comum que é o VM, Mariano Cabaço defende que o papel do jornal é também privilegiar a diversidade das Misericórdias, pela própria comunidade em que se inserem, não perdendo de vista a transversalidade da sua identidade e ação. Por isso, considera que há bons exemplos que devem ser destacados pelo seu mérito para estimular e ajudar as restantes Misericórdias a reorientar as suas prioridades.

Da mesma maneira, instiga o jornal a ser mais arrojado em determinadas áreas para ajudar "a fazer caminho, com bons e maus exemplos, com pedagogia, com avisos e alertas. O jornal, pela sua idade, tem de assumir o seu espaço, não esquecendo obviamente o contexto em que está inserido".

Quando questionado sobre o futuro do jornal, Mariano Cabaço afirma que enquanto existirem Misericórdias, existirá a UMP e existirá o jornal, seja numa versão de papel ou multimédia. "Um instrumento de comunicação que sobreviveu aos últimos 30 anos, que foram anos de adaptação das próprias instituições, tem mais do que assumida a sua continuidade".

Aos 96 anos, Manuel Ferreira da Silva, que ainda escreve artigos sobre as Santas Casas (ver última página), diz testemunhar a evolução do jornal como um avô que acompanha o crescimento do neto. "Este é um jornal que eu procuro avidamente ler pelo interesse que me desperta. Gosto muito de ser testemunha do que estão a fazer. Valeu a pena o que consegui fazer até agora para ver que o jornal está em boas mãos".

TESTEMUNHOS

A colaboração com o VM surgiu numa fase em que precisava de recordar como é bom redigir artigos jornalísticos e, sobretudo, como é aprazível dar a conhecer belas lições de vida que se encontram pelas Misericórdias espalhadas por este país fora.

Sónia Morgado
Coimbra

O VM está de parabéns pelos seus 30 anos de existência, mas sobretudo pelo trabalho que tem desenvolvido para dar visibilidade ao que é feito nas instituições. Faço votos de que continue a dar voz às Misericórdias do nosso País.

Patrícia Leitão
Portalegre

Colaborar com o VM é a oportunidade de conhecer mais de perto de trabalho de instituições que, há anos ou até mesmo há séculos, fazem o bem sem olhar a quem.

Anabela Silva
Leiria

Trabalhar com o VM permitiu-me contactar com uma realidade social que, de algum modo, desconhecia. O trabalho das Misericórdias tem sido fundamental para contrariar os efeitos da crise. É um orgulho fazer parte deste projeto.

Paulo Sérgio Gonçalves
Porto

Há mais de uma década que sou jornalista e os trabalhos que tenho feito as Misericórdias do Alentejo são sempre enriquecedores. Permitem conhecer melhor a região, possibilitam o contacto com pessoas extraordinárias e comprovam que, muitas vezes, pequenos gestos fazem toda a diferença.

Carlos Pinto
Beja

Principal preocupação é reforçar a cultura das Misericórdias

Estratégia No mês em que celebramos 30 anos, o atual diretor do VM, Paulo Moreira, comenta as principais linhas de orientação do jornall

TEXTO **BETHANIA PAGIN**

Dar a conhecer a realidade alargada das Misericórdias é o principal eixo a orientar a estratégia do jornal Voz das Misericórdias (VM). Quem afirma é o atual diretor, Paulo Moreira, para quem o fundamental da informação veiculada pelo VM deve passar pela abordagem ao relacionamento entre as Santas Casas e as comunidades onde estão inseridas com vista a "reforçar a cultura das Misericórdias, tendo sempre presentes as obras de misericórdia, mas lidas à luz de 2015, isto é, enquadradas na circunstância do mundo atual".

"As Misericórdias têm equipamentos na área da saúde, infância, terceira idade, mas fazem muito mais". Segundo Paulo Moreira, as Santas Casas "traduzem a cultura das comunidades e isso tem de ter reflexo no jornal". Daí, explicou, a criação de rubricas como a receita e o 'Em Foco', onde mensalmente são publicadas reportagens sobre os grupos corais.

"É importante realçar atividades como a dos coros, que são uma forma de interação interna e externa". Por um lado, dão a conhecer a Misericórdia à população, mas, por outro, muitas vezes reúnem dirigentes, colaboradores de vários escalões e utentes e, através desta forma de relacionamento informal, é possível reforçar laços e também atenuar situações de conflito, contribuindo assim para um melhor funcionamento da instituição. Os grupos corais, continua o diretor, têm ainda uma vertente cultural importante na medida em que, em muitos casos, resgatam, divulgam e valorizam as raízes culturais da região.

E é no que respeita a valorizar as tradições locais que Paulo Moreira considera fazer todo o sentido haver um espaço no jornal para a divulgação das receitas das Misericórdias. Todos os pratos, explicou, fazem parte da ementa habitual nas respostas sociais da Santa Casa convidada a enviar uma receita. "Nos equipamentos de apoio a idosos, por exemplo, além das preocupações de saúde, importa ter atenção à cultura e aos hábitos das pessoas", disse.

Há já alguns anos que o VM tem publicado receitas e está em cima da mesa a possibilidade de ser publicado um livro de culinária que visará, entre outros objetivos, dar conta da cultura gastronómica nas Misericórdias.

Recordar ainda, continua o responsável, que reportagens realizadas pelo VM servem, em alguns casos, para impulsionar iniciativas da UMP. No que respeita aos coros, por exemplo, foi na sequência das reportagens que surgiu a ideia de retomar os encontros nacionais. Outro projeto é o Marca Misericórdia "que, em grande medida, começou a ganhar consistência após um conjunto de oito reportagens feitas pelo VM junto das Misericórdias que na altura tinham uma produção regular. Daí surgiu a ideia de podermos dar estrutura a esta realidade, dando-lhe uma nova e mais abrangente dimensão."

Para Paulo Moreira, esta abordagem à "cultura alargada" das Santas Casas deve acompanhar outros momentos de relevo para a história de cada instituição. As inaugurações, por exemplo, normalmente representam o culminar de um esforço da instituição para dar resposta a um anseio da comunidade e por isso são temas que o jornal deve abordar. "O VM deve acompanhar esses momentos, mas não se pode esgotar nisso".

Por isso também a "regra de ouro" em relação aos aniversários. Há já algum tempo que o VM apenas dá nota dos "aniversários redondos" das Santas Casas. "São quase 400 Misericórdias e temos um jornal com onze edições anuais. Se fizéssemos a cobertura de todos seria impossível noticiar outros assuntos".

Acima de tudo, concluiu o diretor, importa lembrar que "o jornal é uma estrutura viva e uma das nossas preocupações é não nos acomodarmos, o jornal não tem uma fórmula fechada e encontrará com o tempo novas rubricas e haverá outras que deixarão de fazer sentido, mas o objetivo é sempre o mesmo: reforçar a cultura das Misericórdias, tendo sempre presentes as obras de misericórdia, mas enquadradas na circunstância do mundo atual".

TESTEMUNHOS

Lidando de perto com as inúmeras dificuldades e limitações com que vivem ainda muitas pessoas, que são minoradas e atenuadas por abnegados e competentes profissionais das instituições que os servem, descobri o que realmente significa solidariedade social.

José Alberto Lopes
Viseu

O espírito do jornal reside num carácter multifacetado e, mais especialmente, num humanismo com o qual fui gradativamente tomando contacto a medida em que ia conhecendo melhor as Santas Casas e a sua organização no norte do país.

Alexandre Rocha
Braga

Colaborar com o VM tem sido aprender, em cada reportagem, que é nossa obrigação contribuir para um mundo melhor através das nossas palavras, fazendo chegar mais longe o que os nossos olhos e ouvidos captam e o que o nosso coração, inevitavelmente, sente.

Patrícia Posse
Bragança e Vila Real

Colaborar com o VM é uma lufada de ar fresco na profissão de jornalista: ir à procura de projetos inovadores, olhar o lado positivo da questão, dar voz aos que, em silêncio, diariamente, trabalham em prol dos outros e registar os sorrisos dos que recebem.

Paula Brito
Castelo Branco

O VM é um jornal que tem ajudado a resgatar da sombra algum do trabalho que, diariamente, milhares de pessoas desenvolvem em prol do outro, dando de si antes de pensar em si.

Filipe Mendes
Santarém

Alargar o universo de leitores do jornal

Uma das preocupações da União das Misericórdias Portuguesas em relação ao jornal tem sido alargar o universo de leitores. Neste momento, o jornal é distribuído nos ministérios e outros departamentos do Estado, dioceses, assembleias e câmaras municipais, jornais locais, bibliotecas municipais, estabelecimentos de ensino superior, líderes de opinião. Atualmente a tiragem ronda os oito mil exemplares.

Envio sem custos para as Santas Casas

A partir de janeiro de 2015, o jornal Voz das Misericórdias passará a ser distribuído gratuitamente para todas as Santas Casas. Conforme explicou o diretor, Paulo Moreira, "tem havido um trabalho criterioso de redução de custos e um grande esforço de angariação de publicidade, que, apesar da crise, atingiu valores nunca antes alcançados", o que, segundo o responsável, viabiliza a iniciativa.

ESTATUTO EDITORIAL

1 O jornal Voz das Misericórdias é um instrumento de comunicação da União das Misericórdias Portuguesas e das suas Associadas, as Misericórdias de Portugal e do Mundo, em prol da civilização do Amor e da interacção entre os que podem dar e os que precisam de receber.

2 Neste contexto, o Voz das Misericórdias assume-se como um meio de comunicação social de informação atento, de um modo especial, à divulgação do Movimento das Misericórdias Portuguesas e à articulação das Misericórdias entre si e com a sua União no pressuposto da importância nacional do sector social e do seu reconhecimento constitucional.

3 Para esse efeito o Voz das Misericórdias propõe-se dar a conhecer os projectos de acção da União e das Santas Casas da Misericórdia Portuguesas, no estrito respeito, não só pelos seus mais legítimos direitos históricos e os seus humanitários ideais consagrados há mais de 500 anos, mas também pela ambição de cumprir as "Obras de Misericórdia" em modernidade e qualidade com o objectivo da promoção do desenvolvimento económico e social das comunidades que as criaram, assim lhes conferindo a sua específica natureza

4 Encruzilhada de Pessoas e Instituições empenhadas, no estudo, na reflexão, na analise, no debate e na acção sobre os desafios sociais e as suas possíveis respostas, o seu objectivo é também ser uma voz moderna e qualificada junto dos diversos actores e poderes para promover o desenvolvimento sustentado da cidadania e da qualidade de vida do tecido social, em especial do mais carenciado.

5 Considerando a actividade constante das Santas Casas da Misericórdia nos países onde se faz sentir a presença de comunidades de portugueses na diáspora, e em toda a Comunidade de Países de Língua Portuguesa, o Voz das Misericórdias será o meio de comunicação preferencial entre os que falam a mesma língua e defendem os mesmos valores

6 O Voz das Misericórdias divulgará todas as iniciativas promovidas pelas instâncias internacionais referentes à União e às Santas Casas, nomeadamente a Confederação Internacional das Misericórdias e a União Europeia das Misericórdias.

7 O Voz das Misericórdias compromete-se a assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e a ética profissional dos jornalistas, assim como o respeito a boa fé dos leitores e, como é sua tradição, está aberto a todos que nele queiram colaborar, desde que respeitem o presente estatuto editorial, em ordem a salvaguardar o interesse público e a ordem democrática.

A Carclasse renovou mais uma vez o protocolo com a União das Misericórdias. Em 2015, mantemos o objectivo de servir da melhor forma as Santas Casas e disponibilizamos as melhores soluções para aquisição e manutenção das suas viaturas.

Contacte-nos já e peça a sua proposta.

Contacto:

Rui Filipe Leite
Tel.: 919 109 300 / rui.filipe@carclasse.pt

*		Produto	Duração	Entrada	Valor
PVP	TAEG	Financeiro:	do Contrato:	inicial mínima:	Residual:
23.125,50€	5,25%	Leasing	48 Meses	5.781,38€ (25%)	7.614,18€

Financiamento em leasing da Mercedes-Benz. Financiamento para Mercedes-Benz VITO Furgão 109CDI/32 Standard. Não inclui despesas de dossier e portas. Consulte condições.

Carclasse
Braga - Barcelos - Famalicão - Viana do Castelo - Guimarães - Lisboa
www.carclasse.pt - info@carclasse.pt Informações: 707 200 411

Mercedes-Benz

EM FOCO

Música para fortalecer laços laborais

Alcáçovas Apesar da chuva torrencial que se fazia sentir, do frio e da hora tardia, no dia 15 de janeiro, as trabalhadoras que pertencem ao coro da Misericórdia de Alcáçovas permaneceram no local de trabalho e, com muito entusiasmo, participaram em mais um ensaio. De facto, uma vez por semana o ritual se repete: após o fim do horário laboral as funcionárias se reúnem e, ao longo de uma hora, esquecem os problemas, afinam a voz e alegram o espírito.

O provedor António Baguinhos sublinhou a singularidade desse grupo: "As trabalhadoras das Misericórdia de Alcáçovas constituem, porventura, o único coral composto exclusivamente por funcionárias da Santa Casa". Ou seja, são as ajudantes de lar, animadoras, chefes de equipas, entre outras profissionais, que nos seus momentos de descanso, partilham o gosto pela música e atividades artísticas. Mas a originalidade do grupo não se resume só a isso. Além de cantar vários géneros musicais, dançam as Sevilhanas, zumba, fazem alguns esquetes de teatro para animar e entreter os utentes.

Orgulhoso do grupo coral, o provedor enalteceu o trabalho das funcionárias. "A atividade aqui no lar é muito exigente. Diante dos idosos é necessário ter sempre uma palavra de estímulo e de carinho. No fim do dia, as trabalhadoras necessitam espairecer".

Foi o próprio provedor que incentivou a formação do grupo, aproveitaram a "prata da casa" para criarem espetáculos para os utentes e, ao mesmo tempo, garantem um momento de lazer para as trabalhadoras.

Criado em 2012, o grupo coral da Misericórdia de Alcáçovas fez sua a primeira atuação para as crianças que frequentam a creche da instituição. Foi pela altura do Natal. A mais recente foi no âmbito de uma reunião do Secretariado Regional da União das Misericórdias do distrito de Évora.

De facto, para os membros do coral o convívio é importante. Muitos dos elementos do grupo encontram na música a alegria e um momento de confraternização. Quase todos são de Alcáçovas, mas há quem tenha nascido noutras paragens como em Alcácer do Sal. Com idades compreendidas entre os 24 e os 66 anos, as 14 coralistas (este grupo é composto apenas por mulheres) permanecem unidas pela satisfação de cantar. Assim reforçam a identidade da instituição, colaboram para a preservação das tradições e fortalecem os laços laborais.

O repertório é escolhido pelo professor de Educação Musical, Válter Loureiro, que já acompanha o grupo desde o início e afirma que "a música tradicional portuguesa está sempre presente", sublinhando a adaptação que fizeram para a melodia "A Ribeira das Alcáçovas", e que tem feito muito sucesso.

Os últimos tempos foram repletos de atividades, pois o coro tem recebido convites para participar em vários eventos muito diversificados. Já atuaram em Mértola, Pavia, Portel, Viana, etc. No futuro, prometem continuar a partilhar magia.

Boas práticas Para as 14 trabalhadoras da Santa Casa da Misericórdia de Alcáçovas que integram o grupo coral, cantar fortalece o companheirismo

TEXTO **ADRIANA MELLO**

14

ELEMENTOS
O coro da Santa Casa da Misericórdia de Alcáçovas é constituído só por mulheres, todas alentejanas, e funcionárias da Santa Casa.

A atividade aqui no lar é muito exigente. No fim do dia, as trabalhadoras necessitam espairecer

António Baguinhos
Provedor

2

ANOS
O coro tem dois anos de atividade. A primeira atuação foi para as crianças que frequentam a creche da instituição e aconteceu no dia 14 de dezembro de 2012.

66

ANOS
Entre os 14 elementos, a mais jovem, Marisa Banha, tem apenas 24 anos. A mais idosa, D. Maria Antónia, tem 66 anos e já está reformada.

LINDOR® care AUSONIA®

Cuidados e benefícios para todos

Graças às suas tecnologias, **Lindor Care** ajuda a melhorar a vida das pessoas com incontinência e facilita o trabalho dos seus cuidadores.

Fitas "Tira e Põe"

Facilitam a verificação e evitam mudas desnecessárias.

Transpirabilidade e Cobertura Têxtil

Favorecem a respiração da pele.

Sistema de Absorção de Odor

Mudas mais agradáveis.

Reabsorção imediata

Absorve mais depressa.

Barreiras Antifugas

Menos necessidade de mudas.

Total Care Area

Barreira protetora que ajuda a proteger a pele.

Lindor Care.
Cuidados mais fáceis.

Número de apoio ao cliente: 962831913
(2ªF a 6ªF das 9 às 18h. Excepto feriados nacionais)

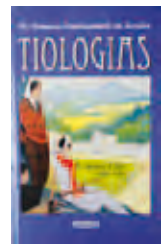
ESTANTE

Histórias com vida no João Paulo II

Era uma vez
Vários autores
UMP, 2014

Este livro reúne histórias escritas pelas crianças das escolas locais do concelho de Fátima-Ourém, ilustradas por jovens estudantes do curso de Ilustração Gráfica. Para a concretização desta obra, as crianças foram desafiadas a imaginar "histórias com vida" a partir de bonecos de tecido criados no Centro João Paulo II, no âmbito da comemoração do ano Europeu da Biodiversidade (2010).
No prefácio da obra, o presidente da UMP, Manuel de Lemos agradeceu a todos os que participaram neste "exercício tão nobre e singelamente tão bonito", sublinhando que um dos "exercícios mais difíceis em literatura é escrever para crianças".
O desafio estendeu-se a nove alunos do curso de Ilustração Gráfica da Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha (ESAD.CR), que deram cor às histórias de suspense e aventuras, protagonizadas por heróis e vilões. Por isso, ao longo destas páginas, pequenos leitores vão encontrar contos escritos por meninos de tenra idade, acompanhados de originais ilustrações de jovens estudantes.
A ternura e a inocência das crianças estão espelhadas ao longo das narrativas, de que é exemplo "A Chegada de Timóteo", onde o protagonista é um peluche que vai morar para a escola "Os Moinhos", onde o seu coração transborda de alegria. "É engraçado, são tantas cadeiras de rodas, cada uma com um menino ou uma menina. O mais parecido que conheceu foi a pista de carros da Feira de Maio, em Leiria", pode ler-se.
Esta publicação contou com o apoio financeiro da Caixa Agrícola Esta iniciativa envolveu crianças de dez escolas da região de Fátima-Ourém.

TEXTO **ANA CARGALEIRO DE FREITAS**



Tiologias
Gonçalo Portocarrero de Almada
Alêtheia Editores, 2014

Esta obra reúne crónicas publicadas na imprensa com as quais o autor procura espicaçar o entendimento e os sentidos, num "diálogo vivo com Deus" e com o mundo. "Há católicos tão bem, tão bem, tão bem, que tratam a Deus por tio", lê-se numa das crónicas.

Estórias Desenhadas
Vários autores
Misericórdia de Vagos, 2014

Segundo o provedor Paulo Gravato, esta obra resulta do "são convívio entre duas gerações": os idosos que partilharam as suas memórias e experiências e os ouvintes de palmo e meio que deram cor às histórias. Todos eles utentes da Santa Casa da Misericórdia de Vagos.

GRUPO ADI
Tel.: 220 937 129

Soluções de Higiene Profissional
Protocolo de Parceria

Cozinha | Lavandaria | Tratamento de edifícios | Higiene Pessoal | Máquinas | Utensílios

Harmonização e consistência
Condições comerciais harmonizadas
Soluções técnicas comprovadas com vantagens para as operações

Mais-valias Económicas
Melhores condições comerciais
Redução de custos:
- Com produtos e soluções de higiene mais económicos
- Implementação de processos de higiene mais eficientes e rentáveis

Satisfação Técnica
Equipa Técnica para garantir a total satisfação e os padrões de qualidade

Flexibilidade e Decisão Local
Cada Misericórdia é independente na decisão de adesão ao protocolo, a quem e o que comprar

Diversey
for a cleaner, healthier future
Tel.: 21 915 7000

RECEITA NAS MISERICÓRDIAS

Doce de abóbora e noz da Venda do Pinheiro

Preço

€ € € € €

Dificuldade

Ingredientes

5 Kg Abóbora
1,5 Kg Açúcar branco
1 Kg Açúcar louro
6 Laranjas
3 Limões
3 Paus de canela
Nozes q.b.

Modo de preparação

Descasque e corte a abóbora em cubos. Raspe as laranjas e os limões e retire o sumo das laranjas raspadas. Coloque numa panela a abóbora, o açúcar, as raspas de limão e laranja, o sumo das laranjas e os paus de canela. Deixe cozer em lume brando. Depois de cozinhado, retire os paus de canela e passe com a varinha mágica. Junte as nozes ao preparado. Coloque o doce ainda quente nos frascos previamente lavados e bem secos, e feche-os de imediato. Espere arrefecer e está pronto para ser saboreado.

Curiosidade

A Misericórdia de Venda do Pinheiro comercializa ainda bolachas caseiras. Com canela e raspa de limão, as bolachas podem ser encontradas em alguns pontos comerciais da localidade, mas Santa Casa também aceita encomendas.

Quem somos

Abrantes
António Dias Margarido
Rua Dr. José Joaquim Oliveira, 2200-416 Abrantes
Tel.: 241 360 020
Fax: 241 371 564
scmabrantes@sapo.pt

Fundada em 1504, a Santa Casa da Misericórdia de Abrantes apoia quase 200 idosos. São 105 em estrutura residencial, 18 em centro de dia e 43 em serviço de apoio domiciliário. Na área da infância, tem 35 crianças em creche e 30 em pré-escolar. A Misericórdia de Abrantes tem ainda um lar de infância e juventude com capacidade para 26 utentes.

Baião
José Manuel Carvalho
Rua do Soutulho, 113, 4640-135 Baião
Tel.: 255 541 365
Fax: 255 542 902
geral@scmbaiao.com

A Santa Casa da Misericórdia de Baião foi criada durante o século XX, no ano de 1933. Entre outras respostas sociais, a Santa Casa tem duas estruturas residenciais para pessoas idosas com capacidade para 95 utentes e serviço de apoio domiciliário para 33. Na área da deficiência, a instituição apoio 55 pessoas em dois centros de atividades ocupacionais.

IndaSlip®

O Absorvente de Incontinencia que revoluciona o cuidado da pele

Fitas com extratos naturais que protegem a pele com ácidos graxos essenciais Ω3 e Ω6.

Cintura elástica.

Abas transpiráveis para que a pele respire.

Núcleo absorvente duplo para uma melhor absorção e retenção da urina, sem risco de vazamento.

Indicador de umidade para recomendar o melhor momento para a troca.

Barreiras antivazamento.

grosella negra blackcurrant · extracto ambiaty · aloe vera

dermobandas

Graças às suas **dermobandas**, a **Indaslip** mantém a pele nutrida e protegida. Os seus extratos naturais proporcionam uma ação anti-inflamatória e aliviam a pele do doente.

INDAS Domtar personal care

a part of Domtar Personal Care

Dos 5 aos 90, cantaram as janeiras a uma só voz

Grupo intergeracional da Santa Casa da Misericórdia de Bragança participou no III Encontro de Cantares de Reis, que reuniu mais oito coros

TEXTO **PATRÍCIA POSSE**

Uma centena Criado em 2005, o grupo intergeracional da Santa Casa de Bragança junta cerca de 100 utentes das diferentes respostas sociais

Bragança Quando o grupo intergeracional da Santa Casa da Misericórdia de Bragança deu início ao III Encontro de Cantares de Reis, o palco pareceu encolher. Mais de 60 elementos, entre os cinco e os 90 anos, cantaram as Janeiras perante uma plateia lotada. Ecoaram, também, pandeiretas e reco-reco, ressoaram tambores e o adufe, tilintaram os ferrinhos.

Na noite de 23 de janeiro, João Alves não se deixou intimidar por tantos olhares. "Não tenho problema nenhum em ir ao palco. Sou ruim cantador, mas canto conforme sei. Vim com todo o gosto e pelo convívio. Isto é uma alegria para nós", frisa. Estar ao lado de cantadores de palmo e meio também deixa o septuagenário "muito contente".

Na memória de Teresa Teixeira, 82 anos, perduram cantares de outros tempos. "Na minha aldeia, íamos cantar aos amigos e, depois, davam aquilo que tinham: fumeiro, doces, vinho fino. Aqui é a primeira vez e tenho de cantar como eles."

Se para uns o ritual é familiar, para outros ainda tem o sabor da novidade. "É necessário que os mais novos percebam como eram as tradições e que possam transmiti-las no futuro", sublinha o provedor Eleutério Alves.

Feitas as últimas afinações, todos se perfilaram para um ensaio improvisado. De estrela dourada ao peito e mãos dadas, os mais pequenos dançavam e entoavam a plenos pulmões. Logo atrás, os tocadores de cavaquinho e de guitarra. "O segredo para tocar bem é ter concentração e calma", revela Luís Paulo Vaz, de nove anos.

Criado em 2005, o grupo intergeracional da Santa Casa de Bragança junta cerca de 100 utentes das diferentes respostas sociais. "Inicialmente, tínhamos o grupo de cavaquinhos, formado na escola do 1º ciclo. Entretanto, começámos a atuar com os idosos, mas os miúdos não quiseram perder a ligação com a instituição e estão a ter aulas de guitarra. Agora incluímos o infantário para cantar", explica o animador Eduardo Alves.

A participação nesta iniciativa cultural já se repete há três anos. "Procuramos ser uma instituição dinâmica para que as famílias percebam que as crianças e os idosos estão bem integrados", conclui o provedor.. VM

SOBE & DESCE

Turismo em alta
De acordo com o INE, o turismo português gerou as maiores receitas de sempre em 2014

Apoio à investigação
Português recebe bolsa europeia de 1,5 milhões para investigação de buracos negros

Avaliar professores
Um terço dos professores chumbaram na Prova de Avaliação de Conhecimentos e Capacidades

Ofertas de emprego
Segundo o IEFP, uma em cada três ofertas de emprego ficou por preencher em 2013

MEMÓRIA

MANUEL FERREIRA DA SILVA
Fundador do Voz das Misericórdias

Contrastes e contradições

Somos um país de contradições. Já o registou Camões e seus parceiros poetas e colonistas, cantores da fé e do desespero: ''Tu que as gentes todas da terra enfreias...'' (Lusíadas VI, 27).

A ponto de em paragens de Adamastores, de perigos e ameaças, Portugal ter sido capaz de erguer padrões de esperança, e abrir caminhos para mais longe, bem como criar alianças de novos cultos e culturas.

E até hoje, ainda não sabemos onde fica à espera de novos cruzados, substituindo, como símbolo pelourinhos por cruzeiros, mas fazendo da cruz ''um sinal mais'', como monumento e apelo para ''mais além, mais alto e melhor''.

Esbarrando no drama diário de uma sobrevivência pela esperança, Portugal continua a acreditar em novos milagres a que pode e deve continuar a chamar

Na sobrevivência pela esperança, Portugal acredita em novos milagres a que pode chamar Cabos da Boa Esperança

Cabos da Boa Esperança. Um lado positivo da emigração a quem já chamam o sexto continente.

Veja-se o que foram os cortejos das Misericórdias, que abriram caminho a iniciativas em prol dos mais precisados, com o generoso gesto-iniciativa de D. Sílvia Cardoso, já a subir nos altares, em prol dos hospitais, iniciando em Portugal os históricos cortejos de oferendas. Abriram caminho e marcaram o rumo, bem como os novos modos e destinos do verbo dar.

Portugal tornou-se no país e no povo onde o verbo dar parece ter a mais generosa expressão. Que o digam os Natais do povo, com o povo e para o povo, onde e quando ninguém fica sem lugar a uma mesa.

Somos talvez o país onde a palavra ''cuidoso'' tem lugar de honra no dicionário (Lusíadas III, 132) e em conotação perfeita com o verbo ''dar'', que, numa leitura atenta aos Lusíadas, é repetida mais de 100 vezes. VM